

CULTURA E POLÍTICA – ENTREVISTA COM FERREIRA GULLAR

Marcelo Ridenti¹

Resumo

Entrevista com Ferreira Gullar, em que trata de sua trajetória cultural e política.

Palavras-chave

Ferreira Gullar; artistas comunistas; Centro Popular de Cultura; Teatro Opinião; televisão; censura; ditadura militar; redemocratização; cultura e política.

Abstract

Interview with Ferreira Gullar about his cultural and political history.

Keywords

Ferreira Gullar; communist artists; Center for Popular Culture; Theatre Opinião; television; censorship, dictatorship; democratization; culture and politics.

Edita-se aqui a entrevista que o poeta, crítico de arte e jornalista Ferreira Gullar me concedeu em seu apartamento no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, em 23 de janeiro de 1996. Naquele momento, vivia-se o início do governo FHC, que Gullar ajudou a eleger, no auge do Plano Real. Não obstante, ele perdeu o cargo de direção da FUNARTE, que ocupara no governo Itamar Franco. No cenário internacional, vivia-se o fim da guerra fria, após a derrocada do chamado “socialismo real”. Naquele momento, Gullar já era um autor consagrado, mas poucos ousariam dizer que era o maior poeta brasileiro vivo, como hoje se tornou comum, embora ele continue a ser a figura polêmica de sempre.

Já são passados mais de dezesseis anos, mas a entrevista continua de interesse para compreender a trajetória do autor. Ela foi realizada como parte da pesquisa que redundou no livro *Em busca do povo brasileiro*.² Gullar falou durante quase três horas de assuntos que gosta de retomar, como sua relação conturbada com os poetas concretistas, a atuação no Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), antes do golpe de 1964, e no teatro Opinião depois dele, a agitação dos anos 1960, a crítica à luta armada, o exílio, sua volta no processo de redemocratização, além de

¹ Professor Titular de Sociologia no IFCH/UNICAMP, autor – entre outras obras – de: *Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política*. São Paulo: Unesp, 2010.

² Marcelo Ridenti. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução – do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

comentar obras como *A luta corporal* e o *Poema sujo*. Relatou várias passagens em que esteve pessoalmente envolvido no âmbito da cultura e da política, como os bastidores da Passeata dos Cem Mil em 1968 e uma infinidade de casos, nem sempre conhecidos. Tratou também de temas como a amizade e as divergências com Mário Pedrosa, a crítica a Roberto Schwarz e às *Ideias fora do lugar*, a autocrítica em relação a seu livro *Vanguarda e subdesenvolvimento* e ao marxismo, sua participação na Rede Globo de televisão.

O formato digital favorece a reprodução integral da longa entrevista, que pode ser útil a outros pesquisadores, em particular, e em geral ao público interessado no autor e nas relações entre cultura e política no Brasil. Para facilitar a leitura, adotei alguns subtítulos em negrito que precedem os blocos de questões.

A LUTA CORPORAL, POETAS CONCRETISTAS E CPC

Marcelo Ridenti - Você começou a carreira lá nos anos 1950, próximo dos concretistas...

Ferreira Gullar - Os concretistas vêm depois de mim. São consequência de *A luta corporal*, que é meu livro escrito de 50 a 53 e publicado em 54. Muito antes do movimento concretista, que é de 56. Eu não comecei junto com os concretistas. Comecei em São Luís do Maranhão com *A Luta Corporal*, que ao ser publicado em 1954 teve uma maior repercussão, mudou uma série de coisas dentro da poesia brasileira e inclusive gerou o concretismo.

Mas você tinha posições formalistas na época, digamos assim.

Não, não era formalista. Eu tinha posições existenciais, não eram formalistas. Nunca fui formalista. A divergência com os paulistas sempre foi porque eles eram formalistas. Eu sempre busquei na poesia uma coisa mais no sentido da vida e da própria literatura do que fazer experiências formais. O que existe na minha poesia de audácia formal é consequência dessa indagação de fundo, não de busca de formas novas, porque eu acho isso uma bobagem.

Os concretistas lançaram mão daquela frase famosa do Mayakovsky “Não há arte revolucionária sem forma revolucionária”...

Eles nunca foram políticos; sempre foram oportunistas. O problema desse pessoal sempre foi: “como eu entro para a história da literatura”. Essa é a questão deles: “eu quero marcar a história da literatura”. A minha posição sempre foi o contrário. Sempre pensei: o que é que eu estou fazendo no mundo? O que é que é a literatura? Por que é que estou fazendo? E ao mesmo tempo fascinado pela poesia, pela arte, pela literatura. A visão deles era essa de fazer história, de marcar a história da literatura com um grande lance. Então, no começo, a posição deles não tinha qualquer conteúdo político, como tampouco tinha a minha. Quando escrevi *A luta corporal*, não pensava em política, mas com a seguinte diferença: eu estava escrevendo *A Luta corporal* em São Luís do Maranhão e houve lá um conflito político, onde mataram um operário e eu vi, na praça. Eu era locutor da Rádio Timbira. Quando no dia seguinte, pela manhã, eu cheguei à Rádio e tinha uma nota do Governador dizendo que os comunistas tinham assassinado o cara, eu me neguei a ler a nota e fui demitido. Não li a nota em hipótese alguma. O diretor veio, implorou, disse que se eu não lesse ele iria me demitir. Eu não li a nota e fui demitido. Mas eu não tinha nada a ver com política, e sim com a dignidade do ser humano, com a verdade das coisas. Não li e fui demitido, à toa, como um maluco, como um Dom Quixote, por nada. E não tinha ninguém, depois, para me amparar, porque como eu não estava ligado a nada, eu simplesmente fui demitido. Mas o povo, os jornalistas, ao saberem do que tinha acontecido, fizeram o maior alarde desse negócio e eu terminei virando uma figura popular na cidade a tal ponto de eu não pagar ônibus, não pagar café no botequim. O povo é grato às pessoas que têm gestos generosos.

Em que ano foi isso?

Isso foi por volta de 1950, começo de 51. Mas eu não pensava em política, o meu problema era a literatura. Eu tinha até horror ao Partido Comunista, porque eu tinha lido uma revista *Paratodos* que tinha chegado às minhas mãos, onde o autor tinha dito que a poesia não valia nada, que a poesia só servia se fosse instrumento de luta política. Eu achei que o cara era um babaca e fiquei com raiva dele. E com raiva do comunismo em geral, por causa disso. Tão louco eu era. Tudo bem.

Quanto aos concretistas...

O pessoal concretista não tinha nada a ver com política. O único cara deles que tem gestos de solidariedade é o Décio [Pignatari]. O Décio é uma pessoa com quem não concordo, mas é uma pessoa de outra natureza. Por exemplo, quando houve o negócio da posse do Jango, o Décio se tocou para Porto Alegre, para aderir à resistência democrática, liderada pelo Brizola na época. Uma pessoa generosa, que tem hábitos de solidariedade. Mas o Augusto e o Haroldo [de Campos] nunca tiveram. O que não quer dizer nada. O cara não é obrigado a ser político. O cara pode ser grande poeta como Mallarmé, não ter nada a ver com política, e tudo bem, eu não vou negá-lo porque ele não tinha participação política. O que é chato é o oportunismo político, aí é diferente. Eu não tinha nenhuma participação política, como no caso deles.

Aí, quando a situação foi mudando, entrei no CPC da UNE, quando já tinha rompido com a experiência de vanguarda, que considerei esgotada. E, ao considerar esgotada, eu parei de escrever, de fazer poesia de vanguarda – a poesia que eu fazia. Como aquilo era a minha poesia, eu não podia fazer outra. Eu parei. E aí, pelas circunstâncias de minha vida, entrei para o Centro Popular de Cultura da UNE.

Você já era do PC nesse tempo?

Não, não era. Não era do PC, não era nada. Eu simplesmente, em Brasília, tinha lido um livro que um amigo me emprestara sobre o pensamento de Marx, *La Pensée de Karl Marx*. O autor era um padre francês, Jean-Yves Calvez, que escreveu um livro com o objetivo de mostrar que o católico não podia adotar atitudes semelhantes às dos comunistas. Aí mostrava na primeira parte do livro o que era o marxismo, para demonstrar a incompatibilidade das duas doutrinas. E eu li a primeira parte do livro e virei comunista. Quer dizer, o padre anticomunista me fez comunista. Aí fiquei marxista, pelo menos me identifiquei com o pensamento dele, aquela concretude do pensamento dele. Tinha muito a ver com a minha poesia, como eu encarava o trabalho, a coisa poética, a busca de uma coisa concreta e não de fantasias.

E como você entrou no CPC ?

Já tinha rompido com a poesia que eu estava fazendo, houve o problema da renúncia do Jânio, o conflito surgido com a posse do Jango. Eu tinha horror à direita, ao golpismo, a essa coisa militar brasileira. Então, ao ler e concordar com Marx, o pessoal do CPC me chamou e eu fui trabalhar com o CPC da UNE. Aí começamos a fazer um trabalho político-cultural. A sociedade brasileira foi arrastada para uma participação política muito grande nesse período do governo João Goulart, que terminou com um golpe.

Quanto aos paulistas, os concretistas, é só ler o plano piloto da poesia concreta e os artigos que eles escreviam para ver como eles se negavam a qualquer conteúdo. O Haroldo tem um artigo dessa época, em que diz que o conteúdo do que se escreve é a forma, que o poeta só tem que se preocupar com a forma, o conteúdo vem da época, das circunstâncias, você só tem que se preocupar com a forma, era a tese deles. Aí, de repente, eles mandam uma carta para o CPC da UNE, lá para nós, uma carta para editarmos uns poemas políticos que eles tinham resolvido fazer. Surgiu aquele assunto do “salto participante”, porque eles viram que a tese deles estava fora da história, do processo político brasileiro... Quer dizer, era tão grande a presença da luta política, da participação popular naquele período, que pessoas como eles se sentiam à margem de tudo, tinham perdido o bonde da história. Eles queriam sempre fazer história. Então aí, propuseram isso, o que nos deixou estarecidos, porque todas as teses deles, tudo o que eles pensavam, tudo o que eles significavam era o contrário do CPC da UNE e de qualquer proposta política, mas como o CPC estava ganhando importância na área intelectual, eles oportunamente queriam meter um enclave ali naquilo.

Vocês não aceitaram?

Não se chegou nem a responder. Nós achamos graça, uma coisa estapafúrdia, mas isso já era do apagar das luzes do governo João Goulart. Aí veio o golpe. Por acaso o Haroldo de Campos estava em Paris quando aconteceu o golpe, e estava hospedado na casa da Lígia Clark. Ela me contou que, quando ele leu a notícia do golpe, teve uma caganeira que durou dias. Ela não entendia por que

ele estava tão apavorado e cancelou a viagem de volta ao Brasil que estava marcada. Ela não entendia a razão e ele terminou dizendo que tinha mandado uma proposta para o CPC da UNE.

Quando houve o negócio de Guevara, da guerrilha, aí eles também inventaram que a poesia concreta era uma forma de guerrilha, é tudo uma coisa meramente terminológica e vocabular, é tudo a mímica. Agora, participar mesmo, assumir a vida, o problema, a luta e arriscar, isso nunca fizeram.

Recentemente houve um episódio de um poema do Haroldo de Campos, intitulado “Por um Brasil cidadão”, dedicado à candidatura de Lula à Presidência [em 1994]...

Que é copiado de um poema meu, escrito logo depois do golpe e que até foi musicado. Ficou um poema muito conhecido, que diz assim “...como dois e dois são quatro/ sei que a vida vale a pena/ embora o pão seja caro/ e a liberdade pequena...”. Então, ele botou: como “dois e dois são cinco”...³ Ele aproveita o próprio poema para fazer uma bobagem, quer dizer, não é só um pastiche, como é ruim, é mal escrito, é péssimo.

Do ponto de vista político é complicado também, porque ele exalta messianicamente o Lula.

Sim, claro. Não entende de política. Eles não entendem, não têm vivência alguma da coisa política.

Mas ele poderia dizer: “vocês cobram participação; na hora que a gente participa, escreve poemas assim politizados e tal, caem de pau”.

Eu acho que aquilo ali é uma bobagem completa. Eu não estou querendo me botar no centro das coisas, mas quando eu escrevi “Como dois e dois são quatro”, eu tinha abandonado a poesia de vanguarda; tinha passado um ano inteiro sem escrever nada; tinha entrado anonimamente no CPC da UNE; tinha participado da luta; tinha ido para a cadeia e aí veio o golpe, e aí escrevo um poema, porque eu já sou um poeta político, participante e a minha vida é

³ De fato, o poema de Campos diz: “como um mais um são três/ vai dar Lula desta vez”

aquilo. Não é continuar a ler os mesmos autores, a defender as mesmas teses formalistas, aí de repente fazer um poema político, isso é mero oportunismo. Não é verdade, esse que é o problema. Por isso sai ruim e ninguém dá crédito. É uma atitude que está coerente com todo o oportunismo que eles mantiveram ao longo da vida.

Você diz que, desde o começo da carreira, não gostava da ideia da poesia como instrumento da luta política. Mas a própria autocrítica que vocês fizeram depois no tempo teatro Opinião, em relação à época do CPC, é que vocês acabaram usando as artes em geral como instrumento...

O grande erro do CPC foi esse. É uma coisa que tenho dito e repetido: o grande erro do CPC foi dizer que a qualidade literária era secundária, que a função do escritor é fazer de sua literatura instrumento de conscientização política e atingir as massas; porque se fizer uma literatura, um teatro, uma poesia sofisticados, você não vai atingir as massas. Então, fazer uma coisa de baixa qualidade para atingir as massas. Nós nem fizemos boa literatura durante o CPC, nem bom teatro, nem atingimos as massas, então, sacrificamos os valores estéticos em nome de uma tarefa política que não se realizou porque era uma coisa inviável.

MÁRIO PEDROSA

Ficando ainda nessa época, alguém que não me parece oportunista, mas realmente um revolucionário e que tinha posições formalistas era o Mário Pedrosa. Você o conheceu, tinha uma relação com ele?

Fui muito amigo do Mário, ele foi meu mestre em muitas coisas. Eu o conheci em 1951 no Rio de Janeiro. O Mário aí já era uma pessoa de reduzida participação política. Tinha sido o revolucionário que todo mundo conhece, o trotskista. Tinha sido também o ideólogo, um crítico de arte com uma visão marxista sectária, como é a conferência dele sobre Käthe Kollwitz. É um artigo de um sectarismo realmente exemplar. A principal qualidade que ele vê no desenho de Käthe Kollwitz – aquela desenhista e gravadora alemã – era que ela era filha de pedreiro, se manteve fiel à sua classe e a sua obra acirra o ódio de classe. Por isso que é boa. Claro, o Mário que eu conheci em 51 já era outro

Mário Pedrosa: tinha superado esse problema, era um homem de enorme sensibilidade, de uma intuição extraordinária para a coisa estética. Era um poeta ao mesmo tempo, pouca gente sabe que ele tinha um livro de poemas que nunca publicou, como ele me confidenciou. Então, esse Mário que conheci já reconhecia a autonomia da linguagem estética, dos valores estéticos. Estava escrevendo a tese com que concorreu à cátedra da Universidade do Brasil na época, eu acho.

Sua posição política era, simplificando, mais ou menos a seguinte: a União Soviética não é revolucionária, é a expressão do stalinismo e da burocracia. Ele era trotskista, tinha rompido desde os anos 30 com a União Soviética. Sua posição refletia a crítica que o trotskismo fazia à União Soviética. Uma crítica que os foi isolando, porque a história é um negócio realmente infernal. Eles criticavam a União Soviética, em muitos aspectos com razão, mas sucede que vem a guerra contra o nazismo, a União Soviética derrota o nazismo, passa a ter um peso extraordinário para os democratas do mundo inteiro. Algo pior que o nazismo não podia haver, ela ajudou a derrotar o pesadelo que tomou conta da humanidade. O exército vermelho teve um papel decisivo na derrota do nazismo. Então, não se podia ficar contra a União Soviética, não é verdade? Aí o Churchill, em 1946, faz o célebre discurso de “Fulton”, em que ele já inicia a Guerra Fria, pregando a guerra de novo contra os comunistas, contra a União Soviética. Então, você ficava numa escolha: se é de esquerda, fica com quem? Com o imperialismo que quer a guerra de novo, com a bomba atômica, ou fica com a União Soviética? Aí, de repente, a União Soviética passa a representar a posição progressista no mundo. Então, um cara como o Mário criticou o stalinismo, ficou contra a União Soviética, de repente fica encurralado, de que lado fica? Aí, de repente, está defendendo as posições do imperialismo. Contraditoriamente, porque não tem saída. Não podia defender o stalinismo. Ao mesmo tempo, não podia defender o imperialismo. Aí ficava numa posição...

De solidão revolucionária.

De solidão revolucionária, claro. Ficam coisas complicadas. Eu o via viver esse drama. Ele era um homem integro; poucas pessoas eu conheci com tamanha

integridade. O que não significava que você não viva as contradições, não é? Na época eu não tinha nada a ver com política, era um primitivo descobrindo o mundo, que ia lendo e tentando buscar a explicação pras coisas como autodidata. Devorava livros e teorias, mas sempre com uma visão muito crítica, que é uma coisa que me caracteriza, uma maior independência de pensar as coisas, de não respeitar autoridades intelectuais. Isso foi me dando uma posição crítica com relação até ao Mário mesmo, dentro da nossa própria visão estética e tal.

Mário Pedrosa a partir dos anos 1950 assumiu posições mais simpáticas, digamos assim, em relação ao formalismo...

Sim, claro. Nessa época que conheci o Mário, eu estava escrevendo *A Luta Corporal* e, no processo do meu trabalho, terminei desintegrando a linguagem. É uma coisa meio selvagem: a indagação e a busca que faço, uma coisa destrutiva e feroz. Isso na poesia. Ao mesmo tempo, através da leitura do Mário e das conversas com ele, eu conheço a arte concreta, aceito a pintura concreta, que não tem nada a ver com poesia concreta. Poesia concreta é coisa inventada pelos paulistas em 1956. Agora, a pintura concreta vem da Escola de Ulm, Max Bill, é uma coisa que tem outro fundamento e que, aliás, influenciou os paulistas através do Waldemar Cordeiro. Ele era em São Paulo, um dos cabeças do movimento concreto, ele é que faz com que os paulistas inventem esse negócio de poesia concreta, como uma transposição para o campo literário das ideias do concretismo plástico, das ideias do campo da pintura.

Então, eu tinha uma contradição com o Mário no plano teórico: eu, como poeta, tinha uma dose de irracionalismo, de busca de coisas obscuras, subjetivas, selvagens, que contradiziam com a racionalidade do concretismo, com a tese fundamental do Mário, de que se estava criando uma linguagem universal através das formas geométricas, dos arquétipos platônicos, uma linguagem universal para esse mundo que tinha se tornado planetário, universal. Eu não aceitava isso. Eu via que isso era uma coisa furada, eu não aceitava nem a tese da Gestalt, que era a base da tese que o Mário apresentou na Universidade, que era verdade do ponto de vista psicológico, da percepção, de

que as formas têm expressão em si mesmas, não é preciso que uma forma seja um papagaio ou um gato, ou um sapato, para ela ter expressão; uma simples forma nela mesma, um cuspo, uma mancha, ela tem uma expressividade que é própria da forma, isso está certo. Então, do ponto de vista da psicologia da forma, está certo: as formas têm expressão em si mesmas. O Mário pegou isso e transpôs para o campo da arte. Então, para justificar que um círculo, um triângulo, um quadrado, qualquer forma, tinha expressão estética, então a Gestalt era o fundamento disto.

Agora, a única coisa que ele esquecia, a meu ver, o seguinte, que no campo da arte as coisas não são permanentes, nem definitivas; quer dizer, um círculo, você não pode se ater ao significado da forma círculo porque ela, em circunstâncias tais, tem um significado, em circunstância outra, é outro, e que a vida humana carrega de subjetividades as formas. Então, essa visão da forma de laboratório, com que a Gestalt demonstra a expressividade da forma, que é válida do ponto de vista teórico, no campo da arte conduz a uma arte pobre, que elimina exatamente a carga de existência que você coloca sobre as formas, era nisso que eu discordava dele. E é engraçado, porque quando eu li essa tese dele eu era garoto, em São Luis, eu tinha 19, 20 anos, em São Luis. Escrevi uma carta discordando, dizendo isso que eu estou dizendo aqui, já na época, embora eu não entendesse porra nenhuma de nada. Eu simplesmente raciocinava e li a tese dele, entendi a tese, a Teoria da Gestalt, da qual eu nunca havia ouvido falar, mas fiz essa crítica. Ele era uma pessoa extraordinária, apesar de eu ser um pivete, ele me chamou na casa dele, queria me conhecer, discutiu comigo isso e achou extraordinária a crítica que eu estava fazendo. Achou pertinente, embora ele discordasse; a nossa amizade nasceu disso. Dessa coisa que um homem como ele, que já era o maior crítico de arte no Brasil, levar em conta a opinião de um garoto que não sabia de porra nenhuma.

E ao longo do tempo, no começo dos anos 60, época do CPC, você ainda mantinha contato com ele?

Sim. Até o fim mantinha amizade. Aí já não o frequentava muito, porque aí a nossa coisa foi para uma divergência fundamental. A arte que ele defendia foi

se tornando maluca, porque de concretismo, da arte formal, da linguagem universal, das formas arquetípicas, platônicas e tal, essa arte de vanguarda foi virando o quê? Terminou tijolo amarrado com arame, maleta cheia de trapo sujo no museu de Nova York; o Oiticica fazendo ninho, terra com pedra, o cara se metendo no meio. Quer dizer, acabou a pintura, a escultura, virou o *happening*, o cara sai nu no museu... E o Mário tendo que defender essas coisas,

Nessa altura, eu, que tinha entrado no CPC, fui desenvolvendo meu trabalho, comecei a criticar a própria atitude do CPC e a desenvolver uma linguagem, a buscar uma concepção da arte que juntasse a coisa cotidiana, que eu considerava alimento da própria arte, e a coisa revolucionária, e o protesto contra a dominação com a poesia. Quer dizer, algo que juntasse a alta qualidade estética, a linguagem poética mais sofisticada (ao contrário do CPC), com essa coisa cotidiana, banal. Eu acho que, se realmente alguma coisa [boa] eu fiz, é o *Poema sujo*. Ele é isso, a busca de juntar as duas coisas: o poeta delirante, existencial e formalmente audacioso que fui em *A Luta corporal*, com a cara solidária politicamente, que quer mudar o mundo.

Bom, o Mário, naturalmente a gente discordava. Tivemos até, algumas vezes, conversas um pouco desagradáveis. Mas ele não brigava comigo. Quando eu dizia certas coisas contra-argumentando, ele, que já tinha vivido tudo aquilo, ele se calava. Eu sentia como se ele dissesse assim: “porra, garoto, não enche meu saco”. Porque depois, quando eu fui ler as coisas dele daquela época, eu fui ver que ele já tinha dito a mesma coisa que eu para algum Mário Pedrosa. A mesma coisa. Eu tava dizendo coisas que ele já tinha feito, já tinha abandonado...

De qualquer maneira, ele foi trotskista até o fim da vida e se considerava marxista. Gostava desses autores que você está chamando de irracionalistas.

Eu estou querendo te mostrar a sutileza disso, as nuances. O que ocorre é que a ditadura aqui o obriga a participar da luta política de novo, porque nenhuma pessoa digna podia ficar indiferente ao que estava sendo feito no país. Então ele entrou na luta também, como eu já tinha entrado. Mas eu já estava no CPC.

Agora ele – que não estava participando politicamente, estava mais ligado à arte – começou a participar e terminou tendo que se exilar. Aí vai para o Chile e encontra um governo socialista, que era dirigido por um socialista, que tinha aliança com os comunistas. Ele se identifica com o governo Allende e começa a defender tese parecida com a que ele defendia nos anos 30. Até denunciar a arte moderna, como produto do imperialismo, coisas assim, de novo, aí ele era eu de novo. Então estava ele reassumindo as suas posições marxistas, até com o sectarismo de antes, evidentemente embasado em coisas muito mais complexas. Mas é engraçado que aí ele me dá razão, chegou a me escrever cartas e num encontro que a gente teve depois. Ele chega a defender num dos artigos, num ensaio que ele faz, uma tese que é baseada no meu livro, não cita.

VANGUARDA E SUBDESENVOLVIMENTO E ROBERTO SCHWARZ ***Vanguarda e subdesenvolvimento ?***

Sim. Eu vou aproveitar para dizer as coisas que eu penso porque nessa altura da vida eu digo tudo que penso, as pessoas que julguem o que quiserem, estou que nem o Dr. Barbosa Lima Sobrinho, eu não tenho 90 anos, mas já estou na de dizer tudo que penso e que se foda.

Em *Vanguarda e subdesenvolvimento* tem uma tese fundamental que é a seguinte: quando Marx diz “os países desenvolvidos são o espelho dos países atrasados” eu parto daí para afirmar que o caminho dos países atrasados não será o mesmo dos países desenvolvidos, pelo fato mesmo de eles já serem desenvolvidos. Quer dizer, o contexto em que A cresce, depois que ele cresce, o fato de ele crescer muda o contexto e, quando B vai crescer, já é no contexto em que A cresceu. Então os países subdesenvolvidos não repetirão a história dos países desenvolvidos, eu digo essa tese. Essa tese fundamental é, embora o menino [Roberto] Schwarz não considere, a base do que ele vai escrever depois em *As ideias fora do lugar*. Porque eu procuro demonstrar no livro exatamente que o simbolismo não é a mesma coisa no Brasil, que o romantismo não é a mesma coisa no Brasil, que o parnasianismo ... e assim por diante. Aqui a dialética do país dependente muda essencialmente as coisas e faz dessas coisas outras...

Qual seria, então, sua divergência com Roberto Schwarz?

A minha divergência com Schwarz é que ele diz que ia virar farsa, a minha que não vira. Aquilo ali, ao meu ver, é uma bobagem, porque o fato, por exemplo, de a luta do nacionalismo que vai gerar a independência, a luta pela independência, trazida para o Brasil – porque o contexto é outro – segundo ele vira farsa. Mas não é verdade, não vira farsa, vira a luta pela democracia. Quando o Castro Alves luta pela abolição, ele não está fazendo farsa nenhuma e os senadores que propõem a defesa do escravismo e os que propõem a mudança do escravismo não estão fazendo farsa. Estão em jogo interesses concretos da sociedade brasileira: riqueza, poder etc. A meu ver, o fundamental é que as ideias não são as mesmas quando mudam de contexto e de época e, por isso mesmo, a história nunca se repete e conseqüentemente, o curso do desenvolvimento dos países subdesenvolvidos não será o mesmo.

O que parecia para mim – que é a tese que o Mário adota e desenvolve – é que a solução para o mundo... Nessa altura o Mário não via mais solução nenhuma, porque a União Soviética era aquilo que ele já tinha criticado e não aceitava, o imperialismo ele nunca aceitou. E no momento em que surge a luta revolucionária, gera um governo como o do Chile, ele sonha que ali o socialismo vai se instalar, mas ao mesmo tempo ele não desconhece o poder econômico das duas potências. Então ele adota minha tese para dizer que não vai ser nem no mundo do socialismo soviético, nem no mundo do capitalismo que a arte terá um outro crescimento. Ele defende a tese de que vai nascer uma nova arte do Terceiro Mundo.

O PCB E A RESISTÊNCIA

Voltando um pouco para sua aproximação do Partido Comunista: ela foi junto com o ingresso no CPC ?

Não. Eu era independente dentro do CPC. Entrei para o Partido exatamente no dia 1 de abril de 1964. O golpe foi na madrugada do dia 31 para o dia 1 e nós fomos derrotados. Na tarde do dia 1, foi incendiada a UNE. Eu estivera lá dentro, tinha ficado até de madrugada. Nosso grupo que ficara lá de madrugada foi rendido por um outro que ficou tomando conta da UNE. Eu ia

voltar para lá à uma da tarde, para de novo render os outros. Quando cheguei lá, a UNE já estava toda cercada. Nego jogando pedra e o rádio já dizendo que o Forte de Copacabana tinha sido tomado pelos militares; a derrota configurada. Então, aí, à noite houve uma reunião na casa de Carlinhos Lyra e Vera Gertel – que nessa época eram casados – aí em Ipanema. Lá estavam o Vianinha, o Marcos Jaimovich, que era dirigente do Partido, o contato do Partido na área cultural. Lá eu comuniquei ao Jaimovich que eu, a partir daquele momento, entrava para o Partido, no dia da derrota.

Muita gente vai depois se decepcionar com a não-resistência imediata, o próprio Gorender, no livro dele, critica o Partido por isso. Ao contrário, você está mostrando que entrou para resistir.

Nós começamos a resistir desde aquele dia. A direção do Partido evidentemente teve que se escafeder porque o Prestes andava dando entrevistas dizendo coisas inconvenientes. Todo mundo sabia por onde ele vivia, naquela altura toda a direção do Partido era conhecida. O Partido era clandestino do ponto de vista legal, mas do ponto de vista prático estava na legalidade. Sabia-se quem eram os deputados do Partido, que estavam sendo eleitos por outros partidos, mas se sabia de tudo, onde moravam A, B. Então, a direção do Partido teve que cair na clandestinidade naquele dia. Agora nós, do CPC, o grupo de intelectualidade do Partido, nós tratamos de diretamente nos reunir e discutir qual era a maneira de resistir ao Golpe. Nós sabíamos que resistir militarmente, nem pensar. Então nós tratamos foi de resistir a longo prazo, quer dizer, buscar as formas de luta da intelectualidade para resistir.

Você falou antes em autonomia, que você sempre teve uma cabeça muito própria. Isso ao longo dos seus anos de militância no PC...

Deu vários problemas.

Por exemplo?

Quando a União Soviética invade a Tchecoslováquia, houve o seguinte episódio. O Leon Hirszman, que tinha sido do Partido, mas estava divergente por causa daquela coisa da linha chinesa, Althusser, e depois o marxista que

defendia o erotismo, Reich. O Leon foi um que adotou a linha do Reich, que criticava o Partido como assexuado, o que era mentira, o pessoal do Partido comia as companheiras sem parar, mas teoricamente... tudo bem. O Leon fez um documento, e nessa altura também havia já aqueles conflitos no Oriente Médio, o Leon era judeu, nunca conseguiu separar essa coisa do judaísmo dele, da coisa da família. Isso o afastava da União Soviética, porque tinha posição a favor dos árabes, aquela coisa toda. Então, isso explica por que ele foi adotando uma posição um pouco fora do partido.

Quando houve a invasão da Tchecoslováquia, ele encabeçou um manifesto e ligou para mim, que estava em um jornal, dizendo para eu assinar este manifesto, que era um manifesto que esculhambava a União Soviética de uma maneira drástica. Eu, que estava contra a invasão, ao mesmo tempo, achava que não podia assinar um documento que de fato era a favor do imperialismo. Mas ao mesmo tempo não podia ficar omissos. Nós estávamos lutando pela autonomia, tínhamos feito protesto contra a invasão da República Dominicana e fomos liderança dentro da intelectualidade, se ficássemos omissos também diante daquela invasão, iriam dizer: “que porra é essa, você só defende a autonomia na área do imperialismo, quando é a União Soviética que invade, os estados não tem autonomia?” Então, eu liguei para o Dias Gomes, liguei para o Gazzaneo e falei: “Vamos fazer um documento, porque a nossa escolha é: ou nos omitirmos e perderemos a credibilidade na luta contra a ditadura, ou nós nos manifestamos contra essa invasão, que é realmente uma coisa inaceitável, mas nos manifestarmos nos nossos termos. Aí, fizemos esse documento, que era um documento duro, condenando ao mesmo tempo as invasões de desrespeito à autonomia dos países, à autodeterminação, mas botando dos dois lados. Aí eu liguei e é claro que com isso ganhei a intelectualidade para assinar o nosso documento. O Dias e o Gazzaneo trabalhavam lá na editora Civilização Brasileira, no setor de publicidade, e também eles ligaram para muita gente. Nós conseguimos que um bom número de intelectuais assinasse o documento.

Quando saiu no jornal, saíram os dois documentos e isso nos deu respaldo, a minha preocupação era preservar a nossa credibilidade junto da intelectualidade brasileira na luta contra a ditadura, senão nós íamos perder,

porque era a velha coisa que se podia repetir, do teledirigismo de Moscou, que desconhecia as condições particulares de cada país. Então lá eles decidiam: “Vamos fazer um acordo com Hitler...”, todo mundo obedecia: “Viva Hitler”, como fez o Partido Comunista Argentino. Aí dois anos depois: “Abaixo, Hitler...”, daí o Partido tem que ficar contra Hitler. É evidente que nós não estávamos nessa, não aceitamos o dirigismo de ninguém.

Vocês, intelectuais?

Nós, intelectuais. Então, o que aconteceu: no próximo número da *Voz Operária* saiu um artigo do Prestes, assinado com um pseudônimo, nos esculhambando.

Onde saiu publicado?

No *Correio da Manhã* eu sei que saiu. Saiu em alguns lugares por aí, eu não me lembro. O Prestes fez esse artigo nos puxando a orelha, e o Cônsul, o adido cultural da União Soviética no Brasil, pediu um encontro comigo. Aí eu fui me encontrar com ele, quem articulou esse encontro foi Renato Guimarães. Nós fomos encontrar com ele, conversar lá no bar Florentino. Ele veio com a conversa para querer me convencer. Eu, com toda a delicadeza, disse para ele tudo o que pensava e não concordei com ele em nada daquilo, não aceitava, tal e coisa. E ele tentando explicar e tal, eu digo não.

Você se sentia autônomo em relação ao PC?

Nos meus artigos e livros, defendo teses que – se o cara olhar com lente – não correspondem às suposições do Partido, nem do Marxismo Internacional, com relação à cultura, à arte e tal. Eu nunca abri mão dessa autonomia minha, com relação a pensar o problema da arte e não só por causa do Partido. Porque eu não respeito nem a mim mesmo: eu penso o que eu penso e eu penso contra mim; eu penso independente das consequências. Se eu estou lendo um livro e descubro que determinada coisa é verdade e contradiz tudo o que eu digo, eu embarco naquilo e vou examinar, porque eu não sou um teórico no sentido correto da palavra. Eu sou um indagador, estou sempre questionando, não pela mania de ficar querendo questionar tudo, não é isso. Eu quero paz. Meu ideal era encontrar uma teoria que me trouxesse tranquilidade absoluta, mas só que

o mundo não deixa. Na hora em que descubro alguma coisa que me parece verdade, independente de tudo o que eu pensei até ali, que possa entrar em contradição com o que penso, eu não rechaço aquilo. Não falo assim “de acordo com a minha teoria, isto está errado”. Eu vou, até com uma certa volúpia, para ver se eu descobri alguma coisa nova. Minha visão de mundo, se tiver que mudar, muda; mudam as coisas. Por exemplo, agora sou da teoria de que eu só quero agora melzinho na chupeta. Eu não quero saber de arte negativa, torturas, artes cruéis, miséria, sabe...

O que é “melzinho na chupeta”?

Só coisa boa, coisa doce, boa da vida. Eu não aguento mais, cara. Então eu quero “melzinho na chupeta”, eu quero ver filme que acaba bem, a vida acaba mal, por que o filme tem que acabar mal também? Se a única coisa que pode acabar bem é na fantasia, o cara quer que na fantasia também acabe mal? Eu não posso fazer a vida acabar bem porque eu vou morrer, independente da minha vontade, isso eu não posso fazer. Agora, eu posso fazer o romance acabar bem, não posso? Alguma coisa tem que acabar bem.

Voltando um pouco: como era a organização do Partido na área da cultura e particularmente entre os artistas, ao longo do tempo?

No CPC, nas reuniões, sempre participava o Marcos Jaimovich, como representante do partido. Evidentemente que a intenção secreta que devia estar ali era da gente não fazer porralouquice, quer dizer: “alguém vigia o pessoal aí, alguém que pusesse um pouco de ordem na loucura”. Mas o Marcos é uma pessoa muito delicada, ele às vezes ponderava certas coisas, porque eles também tinham certas informações que nós não tínhamos. O Partido sabia coisas que estavam acontecendo no subterrâneo da luta política, até do Estado, do governo, coisas que não eram do nosso alcance porque nós estávamos em outra área. Então nos dava subsídios, às vezes: “olha, não é isso, parece que o caminho que o pessoal está adotando por aí, que se sabe, o governo tem tal e tal intenção, não é isso...”. Aí servia para enriquecer as nossas indagações e a gente pensar sobre aquilo. Nunca dizia: “não, não faz

isso!”. O Jaimovich tinha até certo constrangimento de dar palpite no que a gente estivesse pensando. E a gente também não obedecia nada, nem que...

O partido então não tinha uma política cultural que vocês tivessem que seguir?

Não.

Vocês é que formulavam?

Nós é que formulávamos. E havia um comitê cultural, do qual eu passei a fazer parte depois que eu entrei para o partido [em 1964].

O Vianinha fazia parte?

O Vianinha não participava. Ele era, mas não ia. O Vianinha já estava com o saco cheio com aquilo, tinha passado a vida inteira com aquilo e não ia. Quem participava mais era Alex Viany, era Leandro Konder, era...

Carlos Nelson Coutinho?

Não, Carlos Nelson não. O Paulo Pontes ia também. Não me lembro dos outros. Era o Luis Werneck Viana; bom, mudava. Eu era dos mais constantes. Eu era “caxias”: como eu entrei naquilo, comecei a participar e tal. Lins e Barros também, que era um compositor, até uma pessoa muito delicada, muito pouco comunista pois não tinha nenhum sectarismo, na casa dele a gente realizava reuniões. No começo o Vianinha ia, depois ele já não ia mais. Eu ia com mais frequência, mas também depois o próprio Comitê parou de se reunir, já quase não se reunia. O CPC mesmo e o grupo Opinião, depois do Golpe, é que passaram a ser realmente os instrumentos vivos dessa política. Quer dizer, não adiantava se reunir o Comitê Cultural, com alguns dos membros que eram pessoas só do Partido ou intelectuais de pouca expressão que não tinham atuação efetiva na vida cultural e política, enquanto que nós tínhamos. Então, na verdade, quem dirigia o negócio era, por exemplo, o grupo Opinião, quer dizer, éramos nós que dirigíamos.

Que teve uma importância chave naqueles primeiros espetáculos de contestação depois do Golpe.

Claro, claro. Então, na verdade, a resistência à Ditadura na área cultural começa com o antigo CPC da UNE que se agrupa no Opinião, por um lado. E por outro lado na Civilização Brasileira. O Ênio Silveira cria a *Revista Civilização Brasileira*, reúne um grupo de intelectuais entre os quais eu também, o Ênio, o Moacyr Felix, o Dias Gomes, o Vieira Pinto, o Nelson Werneck Sodré. Depois se amplia, tem outras pessoas, o Leandro Konder, o Carlos Nelson. Então, a *Revista Civilização Brasileira* é criada e começa a congrega em torno dela...

O Paulo Francis fazia parte também desse grupo?

É, ele participou. Mas o Paulo Francis não tinha uma participação muito efetiva nisso. Ele era muito ligado ao Ênio e participava da Editora e até de outras iniciativas menos políticas, assim menos ideológicas e tal, que a Editora desenvolveu. Mas esse grupo que se formou aí para criar a *Revista Civilização Brasileira* eram os dois polos, era de um lado a Civilização e do outro lado o grupo Opinião, que tinha teatro, tinha contato com o pessoal do cinema novo, que eram nossos amigos. Depois começaram a surgir divergências entre o grupo Opinião e o cinema novo, divergências no plano estético, mas no plano político a gente estava de acordo, lutava junto.

ESQUERDA ARMADA, TEATRO OPINIÃO, CENSURA

Nesse momento houve uma luta interna muito acirrada dentro do Partido Comunista. Surgiram várias dissidências das bases estudantis e até algumas importantes na direção, como Marighella que saiu para um lado, Mário Alves, Gorender e Apolônio de Carvalho para outro. Como é que você viveu esse momento de rachas?

O Golpe de 64, como toda derrota, foi a causa dessas divergências que vão se dando no curso dos anos. Prisão de Marighella, prisão de Mário Alves etc. Já na prisão eles começam a manifestar os seus descontentamentos. É evidente que essas divergências já vinham de antes. A própria executiva do partido encobria certas divergências. Tirava documentos *pro forma*, apaziguadores de

divergências que não se expressavam ali. O Prestes era o ministro supremo de então (tanto que ele rompeu com o PC, quando mais tarde perdeu essa função de ser o cardeal; quando ele passou a não ditar as normas). As divergências foram se aprofundando.

Nós, do grupo Opinião, não participávamos dessa coisa, a nossa luta era contra a ditadura, nós criticamos a nossa atuação anterior [no CPC] e buscamos unidade na intelectualidade. Essa era a nossa preocupação, denunciar a ditadura no campo intelectual, mostrar que é um poder ilegítimo e contrário à cultura, à criatividade, à crítica da sociedade.

Mas é claro que dentro do Partido havia essa divergência. O Mario Alves, que era muito meu amigo, depois de solto, decidiu criar o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário. E uma noite eu recebi um chamado, que ele queria ter um encontro comigo. Então uma amiga comum, que era uma pessoa de vida legal, uma atriz que tinha se tornado jornalista, me contactou e marcou-se em encontro clandestino, porque ele havia saído da prisão e estava clandestino. Uma noite, eu me lembro bem que ela me pegou de carro, foi até a Tijuca, pegou o Mário Alves numa esquina, embaixo de chuva, e nós fomos para o Opinião, o teatro. Eu tinha a chave, abri, eram onze e tanto da noite, o teatro fechado, era uma segunda-feira, o teatro não funcionava. Estávamos só nós ali: Eu, ele e ela. Então ele me deu um documento para ler, que era meio de linha chinesa: governo popular, revolução cultural etc. e tal. Eu li aquilo e falei para ele: “Mário, como você sabe, eu sou um dirigente do Partido, um membro do Comitê Cultural do Partido. Esse encontro nosso aqui é um pouco heterodoxo, ele foge à disciplina partidária. Eu não podia estar me encontrando com você para ler um documento contra o Partido. Você está me aliciando para participar de uma coisa contra a organização do PC e você é dirigente do Partido ainda, quer dizer, isso aqui é uma situação meio complicada”.

Era o que chamavam na época de Corrente dentro do PC?

É. “Mas eu sou seu amigo e tal, eu só quero ressaltar isso aqui porque eu não costumo agir assim. Eu não sou político, costumo agir com as coisas sempre claras e se houver necessidade, eu vou dizer à direção do Partido que eu encontrei você. Não vou participar de uma coisa secreta com relação ao

Partido do qual eu sou dirigente, de algum modo, de merda, da área intelectual, que não vale porra nenhuma, mas hierarquicamente eu tenho essa função, então é uma coisa meio séria”. Ele talvez não me conhecesse muito bem, talvez achasse o Gullar o poeta e tal, mas não sabia muito como era a minha cabeça, porque eu levo as coisas a sério; comigo não tem conversa chove não molha, comigo as coisas são ou não são. Eu sou franco e honesto e digo para ele que sou amigo e tal, mas que fique certo de que se for pego eu vou contar isso que está acontecendo aqui. E disse: “eu discordo de você, eu não estou de acordo com a sua opinião. Eu acho os chineses de um sectarismo exemplar, acabei de ler um jornal clandestino chinês que mostra uma mulher com uma barriga desse tamanho, deitada numa cama, o retrato do Mao Tse Tung no espelho da cama. A história que o jornal conta é a seguinte: que essa mulher estava, como demonstra a fotografia, com um quisto gigantesco no estômago e ela era de uma província de Xiribibi lá da casa do cacete na China, onde não tinha médico. Então, os companheiros se juntaram e decidiram levá-la para uma cidade onde tivesse um médico para tratar dela. A direção do partido chamou esses companheiros, deu um pito e disse a eles que, se acreditassem em Mao Zedong, eles não iriam propor isso; que bastava eles terem fé em Mao Zedong que eles podiam operar a companheira; operaram e curaram a companheira. Então eu, Mário, não participo desse partido e de nada perto disso, mas de maneira nenhuma; para mim isso aí é pior que macumba. Do ponto de vista ideológico, isso é mais baixo que macumba. Se eu tiver que entrar para alguma coisa desse tipo, eu entro para a macumba, mas não entro nesse partido”.

Ele ficou meio assim: “Mas você leu isso no jornal publicado em língua espanhola, *China Hoy*”, um negócio assim. E eu digo: “Bom, Mário, eu tenho o maior respeito por você, a maior amizade por você, mas eu não vou participar disso, eu não acredito em luta armada e depois, eu sou meio primário nisso. Mas eu digo a você o seguinte: quem tem arma aqui é o exército, a marinha e a aeronáutica. Nós não temos e vocês vão buscar a luta justamente no terreno onde nós não temos nada? É um senso comum, quer dizer, você tem armas para brigar com o Estado? Não. Você tem soldado, tem treinamento? Não tem. Agora, os caras têm arma, treinamento, rádio, equipamento, exército, quartel

em tudo o que é canto, aeroporto. E você quer brigar com eles, no terreno deles? Então eu acho que o nosso terreno é onde eles não têm equipamento. Sabe onde é? Ganhar as pessoas pelo pensamento, pela conversa, reivindicando direito, liberdade, democracia; o que eles não têm. Então eu não participo, acho que a tua posição está errada, me desculpe”. A conversa terminou assim.

Agora, no meio artístico muita gente se balançou, não é?

Nessa época, o Partido começou a ser chamado de “partidão”, porque é aquele negócio...

Vocês ficaram meio isolados, a partir de determinado momento, ou não?

Houve um certo estigma, o pessoal do partidão...

Sim, eles falavam, mas não era a maioria. A coisa é meio verdade, isso que você está dizendo, é uma coisa mais complicada. Eu prefiro contar do que dizer é ou não é. Por exemplo, o pessoal de Zé Celso [Martinez Correa] não participava de nada, estava à margem. Enquanto nós estávamos organizando a intelectualidade, batalhando obscuramente, eles estavam lá na deles, não estavam participando de nada. Então, quando eles viram que o nosso trabalho de organização...

A partir do *show* Opinião?

A gente fazia as coisas, por exemplo, quando nós fizemos o show Opinião, tivemos que usar o nome do teatro de Arena de São Paulo, porque nós éramos o antigo CPC da UNE [que fora proibido]. Então nós chamamos o Augusto Boal, que dirigiu o espetáculo e cedeu o nome do Teatro de Arena; aparecia aquilo como produção do Teatro de Arena. Mas não era. Depois o Teatro de Arena até se apropriou disso, como produção dele, mas não era. A produção era nossa.

O *show* teve uma enorme repercussão; era feito com habilidade, uma coisa engraçada, cheia de música, Narinha Leão, lindinha, conquistando as pessoas, o João do Vale, que era um compositor do Nordeste e Zé Kéti, um compositor do morro. Ninguém com compromisso político, com marca política nenhuma,

mas o conteúdo do *show*, no meio das brincadeiras, era contra a ditadura mesmo. No fundo, reafirmar o plano da reforma agrária, a luta de classes, contra a exploração. O povo, a intelectualidade toda e o pessoal de classe média se identificou, viu que aquilo era expressão contrária à ditadura e o teatro era lotado com meses de antecedência. Quando a ditadura se deu conta, não pôde fazer nada, porque não podia fechar um espetáculo que era o sucesso do teatro na época.

Depois vieram outras peças...

Quando nós montamos “Liberdade, Liberdade”, que foi o espetáculo seguinte, chamamos também o Paulo Autran para ser a principal figura. Ele não tinha nada a ver com política, era insuspeito; e a Tereza Raquel. Então dois nomes do teatro, respeitados, prestigiados, e que nada tinham a ver com política. Tentaram fazer um atentado político no teatro; chegaram a encher o teatro de capanga com cano de ferro, cassete escondido na roupa, fizeram uma provocação ao palco para criar confusão e eles caírem de porrada, criando um conflito dentro do teatro e pedir o fechamento do teatro, para tirar de cartaz o espetáculo. Só que nós soubemos antes, eu fui avisado de uma suspeita, telefonei para o Hélio Fernandes, diretor da *Tribuna da Imprensa*, que era meio ligado ao governo do estado, negócio do Carlos Lacerda. Na época o Rafael de Almeida Magalhães estava dirigindo o Estado, o Lacerda estava de licença, viajando, e pedimos ao Rafael que mandasse a polícia lá. Aí a polícia da ditadura reprimiu os bandidos da ditadura.

Era um tipo de Comando de Caça aos Comunistas (CCC)?

Quem comandava o negócio era um oficial da aeronáutica, da reserva, desses grupos como o CCC e que não tolerava aquele teatro ali, que ele sabia que era tudo comunista. Eles queriam fechar, mas se deram mal, não conseguiram. Um dos autores da peça era o Millôr Fernandes, por isso eu liguei para o Hélio, porque a gente explorava essas coisas, a gente não era burro. E o Millor nunca foi comunista, então o Hélio, por solidariedade ao irmão, mandou o fotógrafo do jornal. Nós não só impedimos os caras de fazer o negócio, como eles foram

fotografados e publicados na *Tribuna da Imprensa*, que publicou um cara com o cacete na mão e era um oficial.

Eles voltaram a atacar? Depois de um certo tempo, eles resolveram botar uma bomba para destruir o teatro. Em 68 puseram uma bomba lá, arrebentaram com o teatro e aí as pessoas ficaram com medo.

Vocês reconstruíram depois?

Sim, arrebentou só a bilheteria, mas assustou o público, que ficou com medo de ir para lá. A gente fazia esse tipo de luta, chamando sempre, buscando as pessoas para lutar conosco. Eu vou contar um episódio. Um dia saiu um documento da classe central, denunciando a ditadura por uma razão qualquer, ou proibição de alguma peça. Um dos primeiros nomes que assinavam o documento era Tônia Carrero. Aí fui falar com ela: “Tônia, tira o seu nome desse documento”. “Você está maluco. Esse documento não é do Partido?”. “É”. “E você não é do Partido? E vai me tirar...”. “É! Você está com uma peça, que vai montar, não é isso? E você pediu dinheiro para a peça para o SNT [Serviço Nacional de Teatro]. Se você assinar o documento, não vai ganhar o dinheiro da peça. Nós queremos que você monte a sua peça. O nosso interesse é manter vivo o teatro. Nós queremos que você se mantenha como a grande atriz, a grande figura do teatro brasileiro que você é; e você vai lutar conosco não assinando este documento, mas dizendo coisas no momento certo, para desgastar a ditadura e ganhar a classe média, ganhar a opinião pública. Não interessa este documento aqui. Ele é um documento sectário, que tem que ser assim dado as circunstâncias; ele é para um determinado objetivo e você não tem que assinar isso”. Ela não acreditou. Começou a falar com as pessoas: “é outro partido que surgiu, porque isso não é de comunista”.

De quem era a iniciativa?

Essas coisas que eu fazia, eu fazia por mim, não tinha que pedir para o Partido. Era o bom senso. Esse pessoal que vivia tomando chope, cheirando cocaína, fumando maconha, e não participava, entrou no desespero. Quando viu que as coisas estavam se organizando, que as figuras representativas do

teatro aderiram a nós e que a luta se mantinha, resolveram entrar no negócio também. Mas aí entraram com a porralouquice deles, as propostas eram tocar fogo no teatro Municipal, ocupar o Teatro Nacional de Comédia, levar para rua a Tônia, o Paulo Autran, brigar com a polícia na rua: se a polícia der uma porrada no Paulo Autran vai ser a sensação. Então a gente se opunha, eu, o Vianinha, nos opúnhamos a isso e, às vezes, entrávamos pela madrugada com discussões para impedir que os caras levassem a luta para essa direção.

Por exemplo, estavam fazendo na época uma nova lei da censura, o Ministro da Justiça era lá de São Paulo, Gama e Silva. Nós decidimos participar da comissão que ia fazer a nova lei de censura. “Vocês estão loucos?” “Se nós não participarmos, eles vão fazer independente de nós. Vamos obrigá-los a levar em conta questões importantes que vamos botar em cima da mesa, então eles não vão fazer a lei que eles querem”. Nós já tínhamos descoberto que a principal prática da censura era a seguinte, você mandava um documento assim: “Vou montar em agosto a peça tal”. Mandava a peça para a censura com dois meses de antecedência. A censura não respondia. Você contratava ator, teatro, gastava dinheiro com publicidade, e ela não respondia. Quando chegava na véspera da estreia, ela te mandava a peça cortada pela metade. Aí você não podia montar o espetáculo. Aí você falia, já tinha gasto dinheiro com tudo. Eles resolveram acabar com o teatro brasileiro assim. Então, nós deixamos eles botarem na lei o que queriam. Só uma coisa entre outras não se pode fazer: a censura ficou obrigada a dar em quinze dias a sua decisão, a sua liberação do espetáculo.

Mas como vocês participaram?

Ele criou uma comissão, nós pusemos um representante da ABI [Associação Brasileira de Imprensa], um representante da SBAT [Sociedade Brasileira de Autores Teatrais], tudo gente nossa, lá dentro da comissão. E nós orientamos o cara, porque o cara lá não está sabendo, o cara é jornalista. O dado fundamental, para salvar o teatro, é de quinze em quinze dias fica obrigado a dar a decisão. Aí, explicava para os nossos companheiros: você vai montar em agosto, quando é em junho você manda. E em quinze dias ele te dá a resposta. Se ele cortar a peça, tu não monta. Se ele cortar de uma maneira que dê para

emendar, mas você só vai fazer o espetáculo garantido que você não vai perder, porque eles estão destruindo o teatro economicamente.

Os putos não entendiam isso. E foi uma luta. É claro que as pessoas mais inteligentes, que não eram do Partido, como o Antonio Houaiss, aderiram, sabiam e fizeram frente conosco. Tanto que, quando houve a reunião lá no teatro Opinião para discutir a proposta do governo da nova lei de censura, disseram: “Nem li, é uma vergonha discutir lei de censura e tal”... “Deixa de ser babaca, rapaz. Olha aqui, eu vou te contar uma coisa, você sabe que na Argentina não tem lei de censura? Sabe o que o pessoal fez lá? Resolveram montar aquele espetáculo *Jesus Cristo, superstar*. A Argentina é de um reacionarismo católico exemplar. Se tivesse lei de censura, ela ia ou cortar a peça em algumas coisas, ou ia liberar a peça em tais termos e o espetáculo ia ser montado, mas a responsabilidade era do governo. Então a classe média, revoltada, ia criticar o governo, ia exigir do governo que tomasse alguma providência. Ia ficar o governo brigando com os católicos. Como não existe lei de censura, sabe o que aconteceu? O pessoal chegou lá e montou o espetáculo. Nego de pau duro, fodendo em cena. Na semana seguinte explodiram o teatro. Virou acampamento. Agora é uma garagem, estacionamento de automóvel, o teatro. É isso que vocês querem?” Quando você não cria a mediação na sociedade, se dá o confronto, quer dizer, um grupo conflitou com outro, sem conciliação, os antagônicos. Os antagonismos se defrontam porque não existe mediação. A censura, a lei de censura, ela é mediação”.

A censura era um mal menor naquele momento?

Ela é um mal menor. Até hoje é um mal menor ter a lei de censura. Sabe por quê? Agora, é uma lei mais permissiva, tudo bem. Mas sabe o que ocorre? O cara entra com um mandado de segurança, isso ocorre na Itália, o cara entra com o mandado, e proíbe qualquer peça, qualquer filme, em qualquer cidade. Quando havia censura federal, na hora em que a censura dizia assim: está livre, de fato está livre. O filho-da-putazinho lá do interior do Piauí, o juizinho de merda que quer proibir o filme não podia, não tinha autoridade. Hoje ele tem, se ele quiser ele proíbe. Entram com uma liminar, ele dá uma decisão, acabou.

Então as coisas, essa visão dialética, ficar de pruridos moralistas, ... “Não vou admitir censura. Eu, intelectual, não admito censura”. Não admite censura o caralho; tu próprio censuras tuas coisas. Quer dizer, as coisas no mundo são mais complicadas do que essa hipocrisia. A gente se colocava numa posição mais realista, de querer ganhar a luta e não ficar com pruridos babacas.

É claro que o radicalismo é uma posição mais fácil de entender do que uma posição como essa; essa é uma posição complexa. “De repente você está defendendo a censura?” Só que não percebe que você está barganhando para conseguir outras coisas. Então o cara diz assim “O Partidão está defendendo a censura, está aderindo à Ditadura”. Então havia os babacas, os primários, os que não têm reflexão política, não têm experiência política, tendem a aderir, por isso é que o extremismo tem sempre um êxito temporário na luta, e com isso prejudica muito todo tipo de luta, porque o radicalismo é mais fácil de entender do que a nuance. O cara é preto e branco, é muito mais fácil de perceber do que uma coisa que tem nuance, que tenha cinzas, tenha meios tons.

Sempre há muitos caminhos para as nuances.

Claro. O outro é uma coisa assim: é isso, é isso. Aí o cara acusa de traidor, filho-da-puta. Com isso, em muitos momentos, eles conseguiram que certos setores da intelectualidade embarcassem na deles. Eu vou contar um outro episódio, para você ver o exemplo disso, que foi o dia em que o Vladimir Palmeira resolveu participar de uma reunião da classe teatral, porque a classe teatral tinha se tornado uma força importante por causa dessa nossa maneira de lutar, de conseguir unidade. Aí eram, então, Paulo Autran, Walmor Chagas, Cacilda Becker, era todo mundo que nunca tinha sido comunista, que até era contra Jango, que gostou do Golpe, porque o Jango era tido como filho-da-puta. Toda essa gente lutando agora ao nosso lado contra a Ditadura. Então eles viram, é aquele negócio, “po, agora vocês já criaram o bezerro, eu quero charqueá-lo, e vamos participar desse festim aí”. De repente apareceu numa reunião da classe teatral, ele, o Vladimir Palmeira. A tese era aquela, botar os artistas para irem à rua brigar com a polícia.

Eu me levantei; fui o único da classe teatral que teve coragem de se levantar contra o mito, o herói Vladimir Palmeira. Falei para ele: “nada disso, me desculpe, temos muito prazer de recebê-lo aqui, queremos cumprimentá-lo por sua luta, por sua coragem, mas isto aqui é a classe teatral. Nós temos os nossos problemas, conhecemos mais que você as especificidades dos nossos problemas, sabe, e me desculpe, mas não é você que vai nos dar lição de como conduzir a luta que nós estamos conduzindo sem a sua ajuda durante muitos anos já. Mas aí ele partiu para a..., o Vladimir Palmeira era o mito. Aí foi posto em votação e – como eles tinham posto metade da plateia que era de estudantes e de gente deles – ganharam a votação contra a classe que estava contra eles. A decisão foi que no dia seguinte ia haver uma manifestação no centro da cidade e todo mundo ia lutar com a polícia lá. Terminou a reunião, eu fiquei puto da vida, fui para casa. De noite toca o telefone, a Norma Bengel, a Joana Fomm ligando, apavoradas, porque no dia seguinte iam ter que lutar com a polícia, porque a decisão tinha sido tomada. Eu falei: “não vai”. “Sim, mas eu lá na hora vacilei e votei a favor!” “Não vai. Você pensou. Você não está com medo? Com toda razão. O que é que você vai fazer, vai lutar com a polícia? Não é tua função aqui na luta!”

Então havia esse tipo de problema, porque os caras envolviam as pessoas inexperientes, mas o que eu digo para você é que na continuidade não prevalecia, porque eu sempre acreditei que não adianta a televisão dizer que o custo de vida está baixo e a dona de casa vai à feira e compra caro. A realidade é o maior meio de comunicação que existe. A vida ensina mais que qualquer coisa e na prática o cara não quer morrer e não quer ser espancado pela polícia. Então nós sabemos que a classe teatral não é garoto, estudante de dezesseis anos que joga uma pedra na polícia e sai correndo; não tem essa agilidade, não é isso. Eles ganharam na assembleia, mas não ganharam na vida. O resultado é que ninguém foi para lá, a não ser uma ou outra pessoa inexpressiva na classe teatral. Mas as grandes figuras...; o que eles conseguiram com essas coisas foi afastar a classe teatral da luta. Os nomes Paulo Autran, Tônia Carrero, Cacilda, Walmor etc começaram a se afastar, porque começaram a sentir que estavam dentro de uma armadilha, de uma coisa que eles já não entendiam mais, em lugar da clareza que tinham

antigamente quando da conversa que eu tive com a Tônia e coisas assim. Então, o que eles serviram foi para colaborar com a Ditadura, isso aí eu digo com toda a franqueza; da mesma maneira que Gabeira colaborou com a ditadura, no momento em que propôs luta armada e que permitiu que a repressão se ampliasse com muito mais amplitude e velocidade do que antes, dessa mesma maneira, nessas intervenções que eles faziam, eles ajudaram a desorganizar, a criar confusão e assustar as pessoas.

PASSEATA DOS CEM MIL

Você participou da assembleia da passeata dos cem mil?

Eu não só participei, como não me deixei filmar, logo eu não pertencio aos documentos históricos porque eu achava que dado ao meu papel de organizador [não podia aparecer]. Quanto à passeata dos cem mil, vou contar uma história. Veja bem, eu estou contanto o meu lado, não quero que você pense que eu estou me julgando, que eu sou o centro do mundo e que tudo dependia de mim. Na verdade, nós éramos um grupo de pessoas, a maior parte das coisas que eu fazia, como eu tinha um prestígio dentro da intelectualidade maior que, vamos dizer, o Vianinha, ele não tinha o trânsito que eu tinha porque ele era comunista desde que nasceu, e eu não era. Então eu tinha um trânsito na intelectualidade maior que o próprio Partido, e por isso eu podia levar à prática decisões que eram tomadas coletivamente. Vou contar essa história da passeata dos cem mil, como ela nasceu e que – se não fosse o nosso grupo – não tinha passeata dos cem mil. Naquela semana, jogaram uma máquina de escrever em cima de um policial na Av. Rio Branco, ele foi levado para o hospital e morreu. Então, o comando da Polícia Militar do Rio de Janeiro deu uma nota dizendo que a partir daquele momento era olho por olho, dente por dente. Antes daquilo a situação era conflito na rua todo dia, nós nos reunimos, o que nós vamos fazer? O Brandão articulou uma reunião na casa do Vladimir Palmeira. Nós, que vínhamos para essa reunião, antes nos reunimos na casa do Flávio Rangel.

O Flávio Rangel...

Tinha sido do Partido. Mas ele oscilava e tal; às vezes ficava radical, mas ele em geral estava conosco. O Flávio era muito amigo da gente, trabalhou conosco, dirigiu *Liberdade, Liberdade* e outros espetáculos. Fomos para a casa do Flávio e de lá telefonamos para a Cacilda, o pessoal de São Paulo, articulando de que maneira enfrentar essa situação que estava se tornando cada vez mais grave. Discutimos e fomos para a casa do Vladimir Palmeira, onde estavam reunidos. Quando chegamos lá, já estava uma decisão tomada que era a seguinte: era uma sexta-feira à noite, no dia seguinte pela manhã, a cidade estava vazia, o pessoal tinha proposto fazer um protesto em frente da Polícia Central, denunciar o chefe de polícia em frente do quartel da polícia militar também. E iam votar. Na hora em que nós entramos, eu levantei o braço, falei assim: “Olha, nós estamos chegando aqui, o nosso grupo, e gostaríamos de participar de uma decisão tão importante como essa. Antes de votar, eu gostaria de pedir a palavra, como porta-voz do grupo que acabou de discutir esse problema na casa do Flávio. O problema é o seguinte: fazer uma manifestação depois dessa nota do chefe de polícia – que perdeu um companheiro dele, não importa se eles têm razão ou não têm; do ponto de vista deles, eles perderam um companheiro, estão soltando fogo pelas ventas – nós vamos fazer uma manifestação contra os caras que perderam um companheiro no sábado de manhã, com a cidade vazia, para ser espancado, e sem ter nem testemunha? Olha aqui, eu vou propor uma coisa para vocês, que é a seguinte: o Governador do Estado, Negrão de Lima, foi eleito por nós, então, nós vamos ao Governador dizer a ele que detenha sua polícia. “Esse Governador, o Governador não governa...”. Não interessa, ele deu uma nota dizendo que ele não governa? Então ele é o governador, e nós o elegemos; compromisso conosco ele tem. Vamos cobrar dele que ele disse [antes da eleição] que, quando fosse Governador, nessa cidade aqui, ‘se alguém bater em sua porta de madrugada, pode ficar certo que é o leiteiro’. Ele não disse isso? Pois é, nós vamos conversar com ele, dizer cadê o leiteiro? Primeiro ponto: minha proposta é essa, reúne a intelectualidade toda, e nós vamos ao Governador cobrar ele a nota do comandante da Polícia Militar e dizer que ela pare de agredir a população. Segundo ponto: vamos criar uma barraca de protesto, num teatro, se quiser pode ser no Opinião, eu acho que não devia ser no Opinião, porque

já está muito queimado, num outro Teatro qualquer, reunir todo mundo e dizer assim: 'quem quiser defender a tranquilidade da população do Rio de Janeiro, venha se juntar a nós'. Colocar uma faixa 'Estamos aqui, barraca do protesto contra a violência', e juntar todo mundo". O [Arnaldo] Jabor: "Ô, Gullar, dentro do Teatro? Isso é fechadismo". E eu digo: "Jabor, você está inventando uma nova, fechadismo o caralho, por favor, deixa de bobagem, vamos votar". Ganhamos. No dia seguinte fomos ao Palácio Guanabara. Até a Clarice Lispector que nunca saiu de casa para nada, foi pra lá. Tinha gente que eu não tinha visto há anos.

Por exemplo...

Barreto Leite Filho, pessoas que não tinham nada a ver, estava todo mundo presente. Na manhã de sábado, nos reunimos, eu, o Jânio de Freitas, na casa do Pedro de Andrade, chamamos o Hélio Pelegrino: "você vai ficar encarregado da seguinte coisa: você é que vai falar e vai cobrar do Governador". O Jânio de Freitas pegou o recorte do documento em que o Governador dizia que [se baterem de noite à porta] vai ser o leiteiro: "está aqui; agora, você, pelo amor de Deus, não insulte o Governador, tá legal? Nós estamos chamando você, porque você é brilhante, é inteligente e tal, você é carbonário mas não faz loucura lá, tá legal? Já entendeu qual é a tática? A tática é a seguinte, ele está fodido, ele se comprometeu com isso e nós vamos só cobrar, sem insultar e dizer que a população exige isso. E a intelectualidade, que o elegeu, está cobrando".

Fomos para lá. Ele teve que abrir o Palácio, porque era tanta gente; quando já estava cheio o salão, aí veio um ordenança falar conosco, a equipe de comando, "o Governador quer que forme um grupo de cinco ou seis para ir conversar com ele". Não aceitamos: "a comissão é todo mundo, como não cabe todo mundo lá no Gabinete dele, é melhor ele vir conversar conosco aqui. Não aceitamos este negócio". Aí ele veio, palmas para o Governador, tudo combinado. Hélio Pelegrino: "Governador, o senhor disse isso, que era o leiteiro de madrugada, mas o que está acontecendo é que a população está sendo agredida, morreu um policial, mas morreu um estudante assim, morreu fulano assim, gente arrebatada, gente presa, sequestrada". Aí o Governador:

“você sabe, eu entendo, o policial fica acuado, fica assustado, às vezes, tal”. “Sim, mas nós queremos que o senhor se comprometa no que diz”. Aí o Governador: “Eu me comprometo, vamos resolver as coisas e tal, eu realmente tenho um compromisso”.

Aí, nessa hora, Márcio Moreira Alves, que se plantou do lado de Hélio Pellegrino, aquele porralouca, virou e falou assim: “Nada disso, você é [...] você...”, com o dedo na cara do Governador. Aí o Governador bateu com a mão na dele e falou assim: “Cale-se e me respeite. Eu sou o Governador do Estado, você se retire daqui, cale a sua boca. Você não pode me insultar. Eu sou a autoridade do povo...”. Aí fodeu tudo. Aí, claro, deu razão para o governador, tudo o que foi armado, o porralouca estragou. Daí a pouco a polícia, os seguranças do Governador, começaram a cercar o Palácio e de repente criou-se uma situação, nós viramos reféns. Aí nós – o Ziraldo, eu, Jânio e tal – tivemos que imediatamente procurar os responsáveis pela segurança para conversar; o Hélio foi procurar o Governador, pedir desculpas. O incidente foi superado.

A mobilização continuou...

Saímos de lá para o teatro Gláucio Gil; fizemos a faixa: “Venha protestar pela liberdade e pela segurança”. Começou a reunião, foi pela noite, foi no dia seguinte e começou a juntar gente; e aí vinha representante de arquiteto, de escritor, de jornalista. Começou a juntar gente cada vez mais e tal, as mães de família, representante de bairro. Tudo dando certo. Aí eles propuseram uma passeata que sairia da Câmara de Vereadores até a Candelária. Nós apoiamos a passeata, mas desde que dela participem todos os representantes das diferentes categorias, não vai ser só estudante, não. Aí, vamos negociar também a permissão da passeata. “Permissão?” É, a permissão da passeata. Aí, entramos em contato com os padres, associação de mães, associação de professores, em contato com o Governador, foi uma comissão lá, o Hélio participando, mais gente; o padre, o próprio arcebispo entrou no negócio. Conseguimos a permissão da passeata, o Governador só pediu que tivesse um roteiro que realmente saísse e fosse pela avenida. Só que os porraloucas –

que estavam propondo, como sempre, uma passeata para jogar pedra na polícia – não queriam. “Permissão; passeata permitida?”. “Rapaz, o que interessa não é ficar desafiando o governo, é botar a opinião pública contra o regime; se você puser milhares de pessoas, isso vai obter um peso, uma repercussão; o problema não é brigar com a polícia, cara”. Aí, impedimos eles de aprovarem a passeata estreita e estendemos as negociações com todas essas entidades.

O Partido também estava na negociação...

Numa certa altura, o Partido veio, me chamou, me levou para um carro e disse: “Gullar, foi acertado com a igreja, com a associação de mães, com a associação de professores e com isso podemos aprovar a passeata agora”. Eu volto ao teatro. “Pessoal, um momento”, subo ao palco pela primeira vez: “Quero dizer aos senhores o seguinte: em nome das facções que têm se manifestado conosco, têm lutado (eu tinha conversado com o pessoal antes, do setor de teatro, de cinema) quero dizer que estamos a favor da realização da passeata, a passeata que será feita nos seguintes termos, tais, tais. “Vê, isto deve ter alguma sacanagem aí, vocês eram contra”. “Não, nós nunca fomos contra a passeata, nós éramos contra a passeata estreita, agora, essa passeata que vai ter ordem, eu vou dizer para vocês, aderiu a igreja, (palmas) aderiu a associação de mães (palmas), aderiu...! A partir daí começamos a organizar os grupos de cinco para organizar a massa e assim nasceu a passeata dos cem mil. Depois desses aplausos e dessa reunião toda, ainda o grupo de estudantes ligados ao Vladimir Palmeira quis impedir que a passeata seguisse o rumo estabelecido com o Governador. Aí, nós dissemos para eles, fui conversar com eles e disse assim: “Se vocês insistirem nisso eu vou desmobilizar todo o setor da intelectualidade, vocês vão sozinhos para a rua”. O Vladimir Palmeira ainda nessa época estava clandestino e mandou uma decisão, dizendo que aceitem a decisão da maioria e aí é que eles se aquietaram e se fez a tal passeata, que ficou conhecida como a Passeata dos cem mil.

Agora, se não fosse o Partido, o Grupo Opinião, os setores de aliados, pessoas sensatas, que participaram disto, como Jânio de Freitas, como o Hélio

Pelegrino e outros, se não fosse isso e os outros colocados na organização de professores etc, não se teria conseguido essa passeata, que depois foi posta a perder por eles, porque essa passeata elegeu depois uma Comissão que ia falar com o Presidente da República. Só que a Comissão eleita foi a Comissão dos radicais. Eles, como sempre, no final das contas deram o golpe e mandaram uma porção de malucos para lá. A primeira coisa, chegaram em Palácio, assim, [em manga de camisa]. Tinha de ir de paletó, “porque se não for, não entra”. Foram lá para dentro, desafiaram o Presidente da República, inclusive o Hélió, que aí perdeu a cabeça, porque o Hélió era um carbonário. Quando ele se viu cercado de porralouca, ele também entrou na porralouquice e o Presidente da República virou para ele e [deu] a ficha de todo mundo: “você é isso, você é aquilo”; quer dizer, aí deu uma cagada e esvaziou-se tudo. Bom, as minhas cagadas eu não conto, não estou dizendo que eu acerto sempre. Agora, as minhas cagadas, deixa os outros contarem.

DEPOIS DO AI-5

Você disse há pouco que há alguns erros no livro *Vanguarda e subdesenvolvimento*. O que você reviu?

Eu acho que, apesar de eu sempre ter procurado ter uma visão mais aberta e não me pautar pelo dogmatismo teórico que havia no marxismo... Isso independente do Partido, que era bastante aberto na época em que eu entrei para ele. Mas o dogmatismo está no marxismo, entendeu? Não tem saída. Então o meu livro padece de que eu tinha me tornado marxista e que embora eu pensasse por minha cabeça em muitas coisas, em muitas outras eu me mantinha enquadrado dentro da visão marxista, sobretudo em algumas explicações de caráter genérico. Outro dia peguei para reler o livro porque querem editá-lo na Colômbia, e vi que tem umas coisas que estão superadas porque pertenciam àquela época e refletiam a visão que o Partido e o marxismo em termos internacionais tinham com relação ao processo civilizatório e ao contexto político e tal, e que na verdade a história mostrou que estava errado. Coisas como o Terceiro Mundo como uma alternativa de

caminho para o socialismo, e de caminho mesmo até para o próprio processo econômico. A existência do socialismo no mundo tinha tornado possível que as antigas colônias, como por exemplo os países africanos, pudessem se libertar do colonialismo e do imperialismo e tentar um caminho próprio, porque se antigamente a marinha britânica desembarcava e acabava com tudo, agora não pode fazer isso. Então, países como Angola, Moçambique, Congo-Brasaville, estavam lá, tentando o seu caminho por conta própria, respaldados pela União Soviética. Isto naquele momento era verdade, ter uma maior presença da União Soviética resguardava esses países. Cuba, a poucos quilômetros de Miami, podia ter o seu próprio regime e fazer o seu próprio caminho, não é verdade? Então, isso que aparece no meu livro como uma verdade de caráter permanente, era uma coisa circunstancial e hoje, o que é Cuba hoje? O que é Moçambique, Angola, hoje, não é verdade? A própria União Soviética sumiu. Então está errado.

Depois do AI-5, a situação pior naqueles anos, como é que se organizou o partido na área intelectual?

Em dezembro de 68, foi decretado o AI-5, muita gente foi presa; inclusive eu fui preso com o Paulo Francis, ficamos no mesmo lugar, e até a nossa amizade, a nossa camaradagem cresceu muito em função desse convívio na cadeia. O AI-5 serviu para dar razão aos setores radicais. Do nosso lado os extremistas de esquerda, os porraloucas, ajudavam a Ditadura, e fortaleciam dentro da Ditadura os setores mais repressivos. Do mesmo modo esses setores, a linha dura prevalecia e impunha coisas como por exemplo o Ato Institucional nº 5, que é uma vitória da linha dura dentro do Regime Militar. Isso anulava – na área da intelectualidade e, em termos gerais, na área política de luta contra a Ditadura – a ação das pessoas mais moderadas, mais sensatas e que conduziam a luta de maneira mais ampla e democrática. Anulava e dava razão aos extremistas, porraloucas. Os caras dizem assim: “Está aí, em quê é que deu a luta de vocês? Está todo mundo na cadeia, foderam todo mundo, fecharam tudo, agora só a luta armada mesmo”. Então, depois do Ato Institucional nº 5, recrudescer a tese da luta armada. A orientação do Partido era: vamos ficar dentro das organizações estudantis, mesmo consentidas,

vamos para o Congresso, mesmo consentido, vamos organizar os partidos, fortalecer todas as entidades democráticas da sociedade civil, porque a longo prazo essas forças vão derrubar a Ditadura, impor a Democracia. Essa era a visão do Partido, que era correta. Depois desse Ato, começou a luta armada mesmo. A partir de 1969 mesmo é que se acirra todo esse processo de luta armada. Na disputa eleitoral, que teria de ser favorável a nós, porque a maioria da população já tinha se desencantado com o Golpe e estava na oposição, a orientação [deles] era votar em branco e anular o voto.

Eleição de 1970, não é?

Sim, os votos de oposição somados com os brancos e nulos davam a maioria dos votos. Eles com pouco mais de 1/3 ganharam a eleição. Tanto que em 1974, depois que a luta armada é derrotada, acaba [a experiência do] Chile, acaba.... Na eleição de 74 somem o voto nulo e o voto em branco porque a população, a classe média, os setores mais ativos tinham se desencantado com essa tese de luta armada, porque tinha tudo dado em merda, e aí votou nos candidatos da oposição [MDB]. Fizemos senadores em 16 Estados. Derrotamos fragorosamente a ditadura e, a partir daí, começou a abertura. Os milicos estavam sabendo muito bem que eles não tinham a maioria, só que, do ponto de vista eleitoral, eles continuavam a ter a vitória, então tudo bem. Mas na hora em que ficou patente que, de fato, o povo tinha tomado consciência da sua força, da sua atitude, da posição correta que tinha que adotar, aí eles viram que não se tratava de radicalismo de esquerda, de comunismo, de nada; era a maioria da população que estava contra eles, mesmo. Os mais sensatos, como o Geisel, resolveram preparar a retirada, para não acontecer o que aconteceu na Argentina, onde eles tiveram que sair debaixo de pancada e terminaram na cadeia. Aqui eles fizeram a retirada estratégica, porque os brasileiros são inteligentes.

Devagarinho. As coisas são demoradas aqui.

O Brasil é um país inteligente, nós somos uma merda numa porção de coisas. Agora, nós somos espertos para caralho, os dois lados são inteligentes, é gente esperta. Acho que vem do português. Não só do nosso lado a gente

sabia conduzir as coisas, tem sempre porra louca em tudo quanto é canto, mas o que prepondera sempre é essa sagacidade, tanto de um lado quanto do outro. Então quando eles viram que o negócio [estava feio], pensaram: “antes que nego nos enforque nos postes, nos dependure nos postes, vamos tratar de sair de mansinho desse troço”. Eles estão sabendo que eles não se entendiam, que o SNI tinha se tornado um instrumento contra eles mesmos. Lá dentro das Forças Armadas havia o horror contra o SNI, porque os próprios dirigentes do regime usaram o SNI para conseguir promoção, dinheiro, foderam com os companheiros deles para ter o poder das instituições militares nas mãos e o poder do Estado em consequência disso. Eles viram que aquilo era uma coisa arriscada, já que o povo estava contra, eles iam se dar mal. Resolveram ir pouco e a pouco e conseguiram acabar o regime sem que nenhum deles sofresse nada.

E você participou depois da Campanha pela Anistia, num outro momento, das Diretas Já?

É, participei. Veja bem. Eu fui para a clandestinidade em 70, para o exílio em 71, depois de um ano de clandestinidade; voltei em 77.

EXÍLIO e MUDANÇAS

Por que você foi forçado a esse exílio?

Eu tinha sido eleito para a direção estadual do Partido, em 1969. Caiu um companheiro e me denunciou, então o Partido disse “Gullar, se você fosse preso como intelectual, responder um processo tudo bem, você respondeu a vários. Agora, preso como membro da direção estadual, eles vão acabar contigo. Como eles estão matando gente por aí, então é melhor você ir embora, porque é imprevisível o que pode acontecer com você, inclusive porque – como você é um membro da direção estadual de araque – você não sabe de porra nenhuma, eles vão te matar porque eles vão achar que você sabe e você não sabe. Então eu, que não queria ir embora, terminei tendo que ir embora.

Voltei em 77. Então começou a luta para a rendição do Regime Militar, porque desde de 74 que a coisa começou a mudar. Eu me lembro que nós

preparamos uma reunião no Teatro Casa Grande, trazendo representante dos vários setores políticos e das classes produtoras, quer dizer, representante da indústria pesada brasileira, das áreas empresariais mais poderosas de São Paulo e do Rio, de Minas. Nós já tínhamos percebido que essa gente estava contra o Regime, que essa gente queria a Democracia e que o próprio processo de desenvolvimento, que a Ditadura ajudou a precipitar, exigia mais liberdade. É impossível manter o desenvolvimento capitalista com um regime daquela natureza; era necessária a liberdade democrática, o regime mudar para o próprio capitalismo se desenvolver. Nós percebemos isso e reunimos esse pessoal com o objetivo de tirar um documento, que foi tirado. Eu participei desse tipo de luta disso, até a luta pela Anistia e tal. Mas eu me mantive afastado do Partido.

Por quê?

A minha experiência fora do Brasil, com o Partido, foi muito desagradável. Uma coisa é você conhecer o Partido da área intelectual, outra coisa é você conhecer a máquina do Partido por dentro, como eu tive que conhecer na clandestinidade. A coisa é pior do que eu pensava; não só eu não queria ser membro da Direção Estadual e fui forçado a ser, fui eleito contra a minha vontade, dizendo que aquilo iria me queimar, ia destruir a minha própria atividade intelectual, porque eu ia ter que cair na clandestinidade, o que aconteceu, e eles me forçaram de qualquer maneira a aceitar aquilo. Eu fiquei puto da vida depois, porque aconteceu o que eu previra; de repente eu estou no exílio, fora, e minha família aqui na pior situação, dois filhos meus enlouquecem, uma tragédia, em função de uma imposição do Partido. E lá [em Moscou], a experiência com vários companheiros do Partido, do nosso partido e de outros partidos, me deixou muito decepcionado: um sectarismo, uma desumanidade, uma falta de sentimento humano real, efetivo, porque só aquela visão sectária, dogmática, do super-homem, do cara que está acima da dor, acima das coisas pessoais, é tudo de mentira, não é? O que resulta na verdade é um acúmulo de erros.

Pesou a estada no Chile de Allende?

Com a experiência chilena eu aprendi uma enorme lição, porque eu vi ali o quanto a revolução era difícil. Passei a me perguntar o seguinte: “por que tanta pressa para chegar a uma coisa que no fim torna pior a vida do que antes? Pode até ser que o Chile, daqui a dez anos passe a ser melhor, o Chile de agora é pior que o Chile de antes do Allende; há mais sofrimento, mais desespero, mais desgraça”. Havia era tumulto, desordem, e não tinha comida, não tinha carne, não tinha galinha, não tinha pão, não tinha leite, não tinha manteiga, não tinha gasolina. Então, que merda é essa? A extrema esquerda pressionando o Allende, ele querendo salvar a situação e os próprios companheiros aliados radicalizando, como sempre dando força ao inimigo, como fez lá o MIR, até os militares darem o Golpe. Marchando, fingindo ter armas, fingindo coisas que não tinham, fingindo que estavam preparando luta armada e um golpe em cima dos próprios militares e coisas das mais absurdas, fortalecendo a direita, que terminou depondo o regime.

[Perdi] a ilusão de uma porção de coisas que o Partido dizia, que os partidos comunistas em geral diziam. Eu me lembro do jornal do partido, *El siglo*, saindo com manchetes: “Só a classe operária para o país”. E o país parado pela classe média que se negava a colaborar com o governo nessa altura, os donos das lojas, das fiabrerias, dos armazéns, das quitandas se negando a vender os artigos. Os caminhoneiros parando. Então, que porra é essa, só a classe operária para o país ? A classe operária apoia o governo e o país está parado. Eu tinha feito o curso de metodologia de *O capital*, lá em Moscou, e sabia que isso era errado teoricamente. Marx diz: “Em qualquer ponto do processo produtivo, se se provocar uma interrupção, para o processo inteiro”. Pode ser na distribuição, pode ser na produção, pode ser onde for, para o processo inteiro, porque aquilo é um ciclo, não é verdade?

Era lamentável ver o próprio partido do Allende contra o Allende, criando situações insustentáveis. O Allende sabia com quem estava lidando, que o Exército não ia apoiar as loucuras que o partido dele propunha, que as esquerdas propunham. No fim, quem apoiava o Allende era o Partido Comunista do Chile; o Partido Socialista dele estava na extrema e junto com os outros. Claro, deu-se aquela cagada.

Você rompeu com o PC no exílio?

Não, eu não rompi, mas no exílio praticamente não havia partido. Eu tinha contato em Buenos Aires com um companheiro, que até me ajudou nas situações difíceis, no sentido de me levar para um dos companheiros do Partido Comunista Argentino, porque meu filho estava sumido e tal. Aí eu fiquei em contato com o partido clandestino e foi uma decepção total, foi a maior decepção da minha vida, a maior decepção. Os companheiros do Partido Comunista Argentino... Era tudo sectário, tão cruel, destituído de humanidade.

Então, essa sua experiência negativa vem desse tempo em que ficou na clandestinidade no Brasil e, depois, essa experiência com os comunistas argentinos?

É. Um pouco em Moscou também, onde fiquei dois anos. Eu vi problemas, coisas que não me agradavam, erros. Foi uma progressiva decepção: essa minha saída, o encontro com a União Soviética.

Na área estética, lá em Moscou, havia muito choque com o que você pensava?

É. Tudo errado. Eu compreendia que não era culpa de ninguém, o pior é que era culpa do sistema. Quando eu perguntei para um grande poeta russo por que as revistas soviéticas não publicavam poesia jovem – com visão nova, com experiências, com coisas que mostrassem a criatividade do poeta soviético e tal –, ele me disse que quem dirige as revistas não são os grandes poetas, não são os grandes escritores, são os burocratas. Quer dizer, o cara é um poeta mais ou menos, que resolve dirigir a revista e aderir àquilo. Então ele, para não perder o lugar, fica dentro das normas que o Partido determina; se ele publica um poema esquisito, a outra revista esculhamba com ele, que perde o lugar, porque o Partido chama a atenção; então ninguém arrisca nada. Eu disse a ele: “lá no Brasil quem dirige as revistas e o suplemento literário é o Carlos Drummond de Andrade? Não é. Aqui também não é Mayacovsky, é o poeta secundário. A diferença é que lá existem dez suplementos literários, cada um com um rumo diferente, quem quiser fazer revista literária faz”.

As editoras também, ou o cara está bem com a editora e com o Partido ou o livro dele não é editado [na União Soviética]. No Brasil pode não ser nenhum gênio que dirige a editora, mas – como a editora tem que ganhar dinheiro, vender livro – tem dez, quinze editoras, então se não consegue editar em uma, você edita na outra. Então isso era verdade e essa coisa me deixou muito preocupado. Mas que situação! Eu conheci [em Moscou] um chileno que me falou: “meu azar é que fui me casar exatamente com a ex-mulher do cara que dirige a editora do Partido, então eu não publico nada lá”. Eles eram colegas, aí a mulher do cara se engraçou com ele, largou o cara e foi viver com ele, aí o cara se tornou dirigente da editora, nunca mais o chileno publicou nada. Não pode.

Essas coisas todas me deixaram bastante... Dessas coisas eu ouvira falar [antes], mas eu dizia: “Ah, isso aí é a reação, a propaganda contra o Partido”. Mas não era tudo, muitas das coisas eram verdades e aí fiquei bastante abalado. Mas, o que foi decisivo, mesmo, foi a experiência chilena. Ali eu vi que era muito difícil fazer a revolução, e eu falei: por que destruir a vida das pessoas? Sacrificar a vida das pessoas, e até mesmo condenar aqueles que discordam de você, julgá-los de uma maneira tão drástica, quando você não tem a verdade e você não vai dar o paraíso para as pessoas. Porque depois que faz a revolução é que começa a cagada e aí é que ninguém sabe o que é que vai acontecer. Quer dizer, eu já tinha vindo da União Soviética, com todos aqueles erros que vi lá, e estava vendo nascer o Chile com os erros que já vira. Eu digo: porra, não dá pé. Comecei realmente a mudar.

APOIO A FHC

Foi por isso que, na última eleição [1994], você assinou manifesto apoiando o Fernando Henrique?

Não foi por isso. Imagine, isso está tão distante de tudo. Eu apoiei Fernando Henrique por uma única razão, o Plano Real. Muitos amigos meus ficaram chateados de eu apoiar o Fernando Henrique, porque eles todos estavam apoiando o Lula, aí, numa reunião, eles me cobraram isso e eu disse a eles o seguinte: “olha, fulano, você se lembra quando o Lula queria fundar o PT e nós lá na praia de Ipanema, na Farmes Amoedo, que você era contra formar o PT,

você se lembra disso? Que você dizia que o PT ia dividir a classe operária, você se lembra do que eu disse para você? Eu disse para você o seguinte: ‘Escute, faz quase setenta anos que nós estamos nessa luta junto à classe operária e não conseguimos conquistar a classe operária, deixa vir alguém que pelo menos consiga fazer isso, está bem?’ Você se lembra disso? Pois então, você era contra o PT, eu era a favor à criação desse Partido. Você se lembra de quando o Lula foi encontrar o Lech Walesa, o que é que você disse? Você aí, esse outro, o que é que você disse? Que ele era um traidor da classe operária, não é? E agora ele é o quê? Você está contra eu votar em Fernando Henrique, que foi exilado como eu e que lutou contra a ditadura como eu lutei. Tudo bem. Então eu votar em Fernando Henrique é uma traição, mas você está votando no cara que, segundo você, era o traidor da classe operária que foi se juntar a Lech Walesa, que é um dos responsáveis pelo fim do Regime Soviético”.

Isso tudo não dá mais para discutir nesses termos, o Lula não é representante de esquerda porra nenhuma, o Lula é um operário que era irmão de um cara do Partido, que fez sua carreira política nas circunstâncias possíveis dentro da ditadura; nunca foi marxista, então não vem com essa, e o PT é um partido incompetente para dirigir o Brasil, essa é que é a verdade. Porque as teses que o PT está defendendo são todas erradas, o PT está se opondo ao Plano Real. Com uma inflação de 50% ao mês, vem um plano, detém a inflação e o cara se coloca contra o Plano. A minha posição, eu disse para eles, é a seguinte: eu não acredito mais que tão cedo nós cheguemos a fazer revolução socialista no Brasil. Quando eu acreditava que depois de amanhã vinha a revolução, eu aceitava não topar as reformas, o reformismo, porque a revolução vinha amanhã, mas a revolução não vem amanhã. Quer dizer, eu vou ser contra a reforma agora para botar o quê no lugar, o pior?

Você acha que o governo do Fernando Henrique é um governo efetivamente reformista no sentido popular?

Eu estou falando de uma discussão anterior à eleição. O que eu estava defendendo naquele momento era o seguinte: “Vocês não podem me afirmar que o Lula vai fazer o governo revolucionário no Brasil, primeiro porque isso é

impossível e, segundo porque você próprio me disse que o Lula era traidor da classe operária, quer dizer, essa tese de que eu estou traindo a minha luta de esquerda por não votar no Lula é furada”. Aí um dos participantes da reunião, que é uma pessoa com uma visão mais crítica, virou e falou assim: “Olha, eu vou confessar que não consigo votar a não ser na esquerda, porque eu vou me sentir mal, não importa se é bom ou não é, eu tenho que votar na esquerda, senão não durmo”. Falei: “pois é, mas eu já durmo, porque eu sempre discordei de mim e dos outros, eu sempre discordei. Então isso que eu estou falando aqui só é coerente comigo mesmo. Na hora que, se eu acho que a situação chegou a esse ponto, e que eu não acredito que tão cedo vai haver revolução no Brasil, então vamos votar em alguém que possa fazer alguma coisa que melhore a situação desse povo fodido que, ganhando salário mínimo, estava enfrentando uma inflação de 50% ao mês, enquanto nós estávamos com o nosso dinheirinho aplicado; nós da classe média, o resto que sobrava do nosso salário estava tudo aplicado; chegou mês que eu cheguei a ganhar mais de rendimento do que o meu salário”.

Quando veio o Fernando Henrique aqui [no Rio de Janeiro], eu fui chamado, porque tinha dado essa declaração em jornais, as pessoas já sabiam que eu estava apoiando a candidatura dele; me convidaram para a reunião com intelectuais, eu fui, lá nos abraçamos, ele agradeceu a minha presença. A partir daí, na campanha de área, aparecia a minha cara todo dia, porque como ele tinha feito aliança com o PFL e com outras forças ditas de direita, era necessário que alguém com credibilidade na esquerda – como era o meu caso, e de uns outros poucos que o apoiaram, porque o resto todo estava com o Lula – aparecesse na propaganda dele, dando aval a ele.

Mas muitos artistas e intelectuais apoiaram o Fernando Henrique.

Sim.

Diria até que a maioria.

Mas não esses que tinham a tradição de luta revolucionária como eu, não é verdade? A maioria desses com essa tradição estava do outro lado; estava do

lado do Lula. Então eu era um dos poucos com essa tradição que estava do lado dele, por isso eu aparecia. Para dar aval.

Ele usou a tua imagem.

É, usou; tudo bem. Depois ele tomou posse. Até me comoveu o discurso de posse dele, porque foi uma coisa bonita, dois presidentes, ele o Itamar de mãos dadas, um passando o Governo para outro. O Itamar Franco é um homem direito, não é nenhum intelectual brilhante, mas uma pessoa íntegra, que se mostrou durante o governo dele, modesto, não quis tirar partido de coisa alguma, não quis tirar proveito pessoal de nada e com mais respeito à intelectualidade do que o Fernando Henrique, como se mostrou. O Fernando Henrique, que é um pavão, como ele se julga o maior intelectual brasileiro, então para ele nós, outros intelectuais, somos tudo merda. Então por isso ele disse naquela reunião que queria acabar com o Ministério da Cultura, que ele só não acabava porque nós éramos a favor, mas que para ele ia acabar. E eu ainda não o conhecia direito, nunca tive uma aproximação muito grande com o Fernando Henrique, tinha simpatia por ele. Acho um homem inteligente, li alguns artigos dele, sempre uma pessoa brilhante, inteligente, coerente lá com as posições dele; nem concordava sempre com ele mas respeitava; homem honesto, não dá para dizer que era ladrão, safado. Um homem que tem tradição de esquerda, eu não estava votando num Collor. Depois, um cara que como Ministro é responsável por um Plano que equilibrou a economia do país e isso é uma coisa fundamental.

Nessa altura eu estava trabalhando na FUNARTE, no Governo, lidando com verbas públicas e com os problemas do Estado. Embora em pequena escala, via que era absolutamente inviável administrar o país com aquela inflação. Você tinha uma dotação orçamentária; aí fazia os projetos, na hora em que o dinheiro era transferido do Tesouro Nacional para a conta da FUNARTE, se eu não executasse o projeto em quinze dias, em um mês 50% do dinheiro desaparecia; só que ninguém pode executar projeto algum em quinze dias, porque é preciso licitação, é preciso isso, é preciso aquilo, burocracia, aprovação. Então leva três, quatro meses e no fim não tem mais nada e eu ficava pensando: “está bom, no setor cultural é assim, a gente ainda consegue

salvar alguma coisa, mas, nos hospitais, não se salvam vidas se não tem remédio, o cara morre e acabou. O projeto cultural ainda se consegue refazer e passar para o ano que vem, mas o cara que morre, morreu”. Então, para mim, estabilizar está bom. Sem isso, nada se faz, nem um processo econômico na área privada, nada. Com inflação de 50% se torna inviável o processo econômico. Por isso eu apoiei o Fernando Henrique. Agora, o que eu estou vendo é que ele se cercou de pessoas tão pretensiosas quanto ele, a diferença é que ele é sensato e inteligente, nem todos que estão com ele são. Disputa pelo poder dentro do próprio governo; os vexames que a gente viu aí, até mesmo dentro do próprio Palácio do Planalto, e essa outra vergonha que é todo dia uma briga. O Governo anulou a oposição e faz oposição a si mesmo, sem parar.

Ele como está o governo FHC no âmbito da cultura?

Na área da Cultura é um desastre; a pessoa que ele botou lá é o Weffort, que não é da área, não é do ramo, não entende da questão cultural. É orientado pela Helena Severo, que é responsável por essas coisas que acontecem aí, Réveillon, essas loucuras, eventos que gastam milhares e milhares de reais. Já os projetos culturais de caráter permanente, que visam manter a atividade cultural, criar infraestrutura, condições para o artista criar, para o processo cultural e artístico se desenvolver, isso não se faz, porque não dá lobo, não dá mídia. É que nem outros setores, o Estado não faz saneamento básico, mas quebra as calçadas de Copacabana. Faz o viaduto, faz o sambódromo, o cara faz as coisas que aparecem, e o que é fundamental não se faz: a escola, o hospital, a coisa de que o povo necessita para ter condições de vida.

Na área da Cultura, está a mesma coisa. Eu criei quando estava lá [na FUNARTE], uma revista chamada *Piracema*. Uma revista de alto nível, feita para prestigiar a cultura brasileira dentro e fora do Brasil; mostrar que nós não somos só uma cambada de assaltantes, de pivetes, de ladrões, de bandidos, de sequestradores; que o Brasil produz cultura, tem artistas, criadores de alto nível. A gente criou a revista com dinheiro de fora do Governo, sendo os realizadores da revista de dentro da instituição. Pagava pela colaboração o mínimo, uma coisa razoável, mas todo mundo queria escrever para a revista,

porque compreendia a isenção do presidente da FUNARTE, que estava realizando aquilo. Meu nome nem aparecia em nada, eu fazia questão de prestigiar os artistas, a atividade cultural, a instituição, o Ministro e não a mim.

FUNARTE

Na FUNARTE, você...

Preparava tudo, como o novo Museu do Folclore, que nós batalhamos até reformá-lo e construí-lo, terminá-lo todo. Quando foi a inauguração eu chamei o Ministro, que disse “Quer falar”? – “Não, não falo”. (O Espaço Oscar Niemeyer, esse foi inventado por mim, batalhado por mim, consegui o dinheiro e fizemos tudo; o Oscar era contra e eu fiz contra ele, no final ele aderiu). No dia da inauguração: “Não falo”. O Ministro insistiu que eu tinha que falar; falei: “Vou ler a relação das pessoas que colaboraram”. Meu discurso foi “Fulano de tal, beltrano de tal, o cara que pregou o prego, o cara que varreu a sala, o cara que desenhou o projeto, e tal...”. Então o Ministro chegou, emocionado, veio me abraçar, disse “Você não existe; po, você é maluco”. Eu falei assim: “eu quero dar uma lição, eu sou educador, quero ensinar os meus funcionários, as pessoas, o que é a coisa pública”.

Saía para Brasília, nove da manhã. Ia para o Ministério, fazia o que eu tinha para fazer, uma e meia da tarde pegava o avião; comia no avião. Chegava [ao Rio de Janeiro, na FUNARTE] e falavam: “Diária do Presidente”. – “Eu não aceito, eu não gastei nada, a passagem foi dada pelo Ministério, eu voltei cedo, não fiquei no hotel e comi no avião, qual é a diária? Não tem diária”. – “Mas tem que receber, porque isso...” – “Então, bota no gabinete para ir para o lugar certo, eu não recebo dinheiro indevido; aqui na FUNARTE, enquanto eu for presidente, não se recebe dinheiro indevido, a começar por mim”. É claro, não ia ficar rico com aquilo, mas é para ensinar o respeito à coisa pública. Resultado: quando eu saí de lá, correu a notícia, os funcionários foram todos para a minha sala e começaram a chorar. Eu comentava com eles: “Vem cá, começou isso às quatro horas da tarde, são sete da noite, vocês não vão trabalhar,?”. Eles todos lá, tristes: “Nós não queremos mais trabalhar”. – “Vocês são pagos pelo Governo, vão trabalhar”, brincando com eles. Eu fiquei revoltado na hora, meu plano era ficar mais dois anos lá para concluir os

projetos que tinha iniciado, dar solidez para eles e ir-me embora, porque aquilo não é o meu ... Eu tinha meu livro para escrever, os meus projetos pessoais. Passei a entregar a minha vida, ficar eu de criador de condições para outros artistas trabalharem, muitas vezes até artistas menos talentosos do que eu mesmo. Então, tudo bem, eu fui chamado a uma tarefa; eu cumpri com minha tarefa.

Quem que te chamou?

Foi o Zé Aparecido de Oliveira que indicou para o Antônio Houaiss. O Zé Aparecido indicara o Houaiss para ser Ministro e aí, quando eles conversaram sobre esse negócio [da FUNARTE], o Zé Aparecido sugeriu o meu nome e o Houaiss ligou para mim e tal. Eu fui, por causa do Zé Aparecido e do Houaiss. Enquanto o Houaiss foi Ministro da Cultura, nós trabalhamos, nos demos maravilhosamente bem. Os projetos que eu propus ao Houaiss eram coisas sensatas, sou uma pessoa sensata, eu sou maluco lá nas outras coisas, mas eu sou um virginiano, cabeça e pé no chão. Tudo o que eu proponho são coisas corretas, que eu tinha que ver primeiro o dinheiro, se dava, se não dava. Quando não dava, eu saía para ir buscar o dinheiro fora, com o meu prestígio pessoal. Ao contrário do que o Weffort disse (“tem que substituir o Gullar por um empresário para conseguir dinheiro”), quem consegue dinheiro é poeta, não é empresário. Inclusive, um empresário como o Márcio de Souza, de uma editora chamada Marco Zero, que não chegou nem a marco um, ele é empresário de quê? Então, se quer botar empresário, bota o Zé Hermírio de Moraes, bota Antonio Hermírio, mas não vai botar um cara daquele. [...] Em 150 dias, viajou 130, nos cinco primeiros meses [de mandato] dele, foi a informação que eu recebi dos próprios funcionários da FUNARTE, que estão revoltados com ele; não recebe a associação dos funcionários, não recebe ninguém, não dá satisfação. [...] Ele acabou com a Revista Piracema. [...] Então, me tirar, sinceramente ...

O Fernando Henrique tinha dito no jornal e na televisão que “os quadros de segundo e terceiro escalão só substituirei se forem corruptos ou incompetentes”. Aí me tirou, eu fui para o jornal e falei: “eu quero que o

Fernando diga se eu sou ladrão ou incompetente”. Ele mandou me ligar, a Ana Lúcia Magalhães Pinto, casada com o filho dele: “Diz para o Gullar me dar pelo menos o crédito da inteligência, eu não vou tirá-lo assim; se eu o tirei é porque me deram informações erradas, mas ele tem o lugar no meu governo que ele quiser, diga a ele para escolher o lugar na área cultural ou em outra área que ele quiser, que eu o nomeio ele”. Falei: “Olha, você diz ao Fernando Henrique que eu não ando atrás de emprego público”.

Esse foi o único emprego público que você teve ao longo do tempo?

O outro emprego que eu tive foi presidente da Fundação Cultural de Brasília, em 1961, quando o Zé Aparecido era secretário particular do Jânio Quadros. Mas o meu amigo era Carlos Castelo Branco, que disse a ele: “Vamos botar na Fundação o Gullar, que é um cara maluco e tal, mas é um jovem”... Eu tinha trinta anos e fui para lá; foi o primeiro emprego público que eu tive. Eu me empenhei, trabalhei como um louco, ganhei uma úlcera e aí o Jânio renunciou, meus móveis ficaram no meio do Planalto quando ele renunciou, que eu estava me mudando para Brasília. Foi a maior loucura, quase que acaba com minha vida.

AINDA FHC E AS ELEIÇÕES DE 1994

Você se sentiu desprestigiado pelo Fernando Henrique?

Não, sabe o que eu senti? Eu senti um desrespeito a mim, o que me indignou; um desrespeito.

Você é uma pessoa historicamente identificada com o nacional e o popular. Nas eleições [de 1994], os candidatos tidos como herdeiros do nacional-popular eram o Lula ou o Brizola, e o Fernando Henrique era tido por muitos como o candidato do consenso de Washington, o neoliberal...

Mas eu não acredito nessas coisas. Isso aí é o discurso da esquerda, a gente não pode ficar dando crédito permanentemente a isso. Quer dizer, eu nessa altura não acho que, de fato, essas ideias prevaleçam, eu vi amigos meus como o Milton Temer dizerem que a candidatura do Fernando Henrique foi decidida em Washington, Manhattan; isso não dá, não pode continuar.

Bem ou mal, ele está integrando o Brasil à nova ordem mundial.

Mas não tem alternativa. Nós vamos integrar em quê? Qual é o destino? Tem que encarar a realidade, nós vamos nos integrar no regime socialista? Onde? Não existe alternativa. O problema é tentar o desenvolvimento do país e ver qual é a forma de equilibrar o mínimo de justiça social aqui dentro; não pode ficar sonhando com soluções inexistentes. Eu tenho um mínimo de formação, eu estudei, [...] acompanho esse processo mundial há 30 anos. O que não posso é votar num candidato que abre a boca e diz uma porção de sandices, como era a campanha do Lula. Me desculpe, são coisas irreais, propostas superadas pelo processo histórico, não dá.

Por exemplo, pode dizer uma coisa aberrante que viu na campanha?

Por exemplo: uma posição radical contra a privatização. Eu te digo, privatizar o Vale do Rio Doce, eu sou contra; privatizar a Petrobrás, eu sou contra. Agora, tese genérica contra a privatização em qualquer [circunstância]... Volta Redonda era o seguinte: uma empresa, se quisesse comprar aço, tinha que falar com fulano, sabia disso? Criasse você uma fábrica de automóveis em São Paulo, quisesse comprar aço de Volta Redonda, e fosse à direção da Volta Redonda, à gerência, eles iriam te dizer assim: “fala com o fulano ou com o Antonio das Couves”, sabe por quê? Porque ela vendia a eles o aço abaixo do preço do mercado, que revendiam para você ao preço do mercado. Então...

Não era público coisa nenhuma.

E o pior. Ela ia à falência, porque vendia mais baixo que o mercado, para outros revenderem no preço do mercado e ganhar a diferença. O Getúlio Vargas, quando criou a siderúrgica de Volta Redonda, ele deu isso para o pessoal dele, para os pelegos dele, que foram passando de herança. [...] Isso contudo é empresa pública no Brasil. Fora o empreguismo deslavado. Quinze salários, dezesseis salários, aposentadorias que são cobertas pelas instituições; qual é a empresa que faz isso? Você vai trabalhar em uma empresa como a Volkswagen, ela vai constituir uma caixa de pensão que o empregado paga uma vez e a empresa paga quatro? Então, se você dissesse:

“Não, mas essas empresas são patrimônio do país”. Mas, patrimônio em que sentido? Vamos examinar isso. O lucro da Petrobrás vai para onde? Para constituir um hospital? Escola? Vai para a Petrobrás mesmo; aumenta o salário dos diretores da Petrobrás, aumenta o salário dos funcionários da Petrobrás e o país fica... E quando ela dá prejuízo, nós cobrimos o prejuízo, com dinheiro público.

Mas você, então, é a favor da privatização da Petrobrás ?

Não, não. Eu acho que tem que moralizar isso. A Petrobrás é uma empresa poderosa, que com todos esses defeitos, apesar disso, desempenhou um papel fundamental na vida econômica do Brasil, a Vale do Rio Doce é uma das maiores empresas do mundo e das mais rentáveis do mundo, onde não existe esse tipo de vício, não existe. Então isso é uma coisa que você não pode ser a favor de privatizar isso; agora a Volta Redonda tem que privatizar.

PRESTES

Voltando um pouco no tempo. Ao voltar do exílio, você ficou no PC até o fim?

Não. Eu voltei em 1977, como o Partido desde muitos anos não existia como uma coisa orgânica, ninguém tem carteirinha, pertencer ao partido era uma coisa meio abstrata. Quando eu cheguei, fui levado para o DOI-CODI, passei a ser vigiado, então não era conveniente eu me aproximar de ninguém. Tomei até o próprio conselho de gente do Partido para ficar afastado. Por outro lado, eu também estava de crista baixa, decepcionado com as coisas que tinham acontecido e aí veio aquele problema da divisão do Prestes. Aquilo foi outra decepção. O pessoal do Partido – já mais esclarecido, compreendendo a situação, com essa visão crítica da gente que se refletia em outros – deu um basta no Prestes, naquela coisa de que no fundo ele era o cardeal. Na hora que ele não manda mais, ele sai fora, ele não aceita. O cara desde 1930 e pouco mandava no Partido, ele sempre mandando, sem que ninguém contestasse. No dia em que ele é derrotado, ele rompe, e não obedece.

Não obedece e é obrigado a...

Expulso depois de milhares de tentativas de chamá-lo para a reunião; ele anulava o funcionamento do Partido porque era o secretário geral e não ia às reuniões; as reuniões eram convocadas, desconvocadas; convocadas, desconvocadas; ele não ia. Até que deram o ultimato para ele: ou vai ou sai. Aí, evidente, ele não foi, saiu. O pessoal do Partido me chamou, eu fui conversar com ele quando ele chegou, pois nós nos demos muito bem em Moscou. Ele tentou me aliciar com a posição dele e eu disse claramente que eu estava fora [do Partido], não estava participando, mas que dentro dessa situação criada, eu achava que prevalecia a instituição e não a pessoa. Ele me olhou com um olhar fulminante, a conversa esfriou, eu tratei de me despedir. Dois meses depois, fui ao aniversário de noventa anos do advogado Sobral Pinto. No terraço do edifício estava todo mundo, a televisão me arrasta para o lugar onde está ele, Sobral Pinto; eu chego, cumprimento Prestes, estendo a mão e ele me nega o cumprimento; eu fiquei com a mão no ar na televisão. Aí eu virei para o outro lado, estava a Maria, mulher dele, minha amiga, aí eu falei: “Ó, Maria”, ela virou as costas. Aí eu ri, falei “É, que pena, que decepção”, e saí fora. Isso era o Prestes, uma pessoa intolerante.

Meses depois eu vou à Paraíba fazer uma conferência, e um garoto me mostra um jornal do interior da Paraíba, com uma entrevista do Prestes, em que ele me esculhamba como poeta. O garoto, na hora do debate, disse: “olha aqui, o Luiz Carlos Prestes disse que o senhor é um mau poeta, é esquerdista”. Aí eu virei para ele e falei assim: “Olha, em matéria de crítica literária, eu ainda prefiro o Fausto Cunha e o Antônio Houaiss, não reconheço o senhor Luiz Carlos Prestes como crítico literário. Ele que me desculpe”. Prestes era uma pessoa tão intolerante e até mesquinha. Chega a dar uma entrevista no interior da Paraíba e me esculhambar como poeta quando tenho cartas dele até me elogiando. O sectarismo é que determinava as coisas; a verdade não existia.

ELEIÇÕES DE 1989

E nas eleições de 89, você apoiou o Roberto Freire?

Votei no Roberto Freire no primeiro turno e, no segundo turno, no Lula.

Para evitar o Collor?

Não só para evitar. No Collor eu não votaria de maneira alguma, mas tampouco havia alternativa à proposta do PT. Eu votei no Lula como votei na Benedita aqui. Mas no curso dos anos também ocorreram mudanças. O PT piorou, sabe. O PT piorou, o Lula piorou. O Lula se tornou uma pessoa rancorosa, perdeu a objetividade, passou a fazer declarações que na verdade refletem ou coisas pessoais, ou coisas do Partido, independente da verdade, eu já estou cansado disso.

NACIONAL POPULAR E TV GLOBO

Há críticas em geral ao CPC, ao Opinião, à MPB, à questão nacional popular na cultura brasileira. Segundo elas, no fundo esse movimento não propunha efetivamente uma ruptura com o capitalismo, mas uma independência nacional em relação ao imperialismo cultural. Propunha o funcionamento autóctone do capitalismo brasileiro, com alguma distribuição de riqueza e com algum espaço a mais para a expressão das obras, dos artistas brasileiros em todos os campos da cultura brasileira. Nesse sentido, diziam esses críticos, o que era a utopia do nacional popular do CPC, Opinião, etc., acabou virando a ideologia da rede Globo de televisão. Ou seja, a Globo, uma vez tirado o potencial crítico e mobilizador que havia no CPC, teria retomado algumas dessas ideias com uma formação mais apolítica, conformista, mas de alguma maneira resgatando e dando expressão para o artista brasileiro, para as produções regionais na televisão, e inclusive empregando as pessoas que tinham sido do Partido...você, o Dias Gomes, o Vianinha.

[irônico] A Globo se reúne todo fim de mês, o Roberto Marinho se reúne com a CIA e confere se esse plano está sendo aplicado, porque esse plano é organizado pelo Pentágono e com a CIA. O Roberto Marinho se reúne com o Boni e eles aplicam sistematicamente esse plano de denominação do mundo através da cultura. Aí contrata o Dias Gomes, contrata o Gullar; é tudo planejado; nós estamos sabendo disso, nós aderimos a isso porque nós nos rendemos. É tudo planejado; a intelectualidade brasileira, sem ela o mundo está perdido. Se a intelectualidade brasileira realmente se revoltar, o imperialismo está perdido. Eles tem que tomar cuidado conosco, senão acaba

o Regime Capitalista; se o Dias Gomes continuar a escrever contra o capitalismo realmente acaba o capitalismo, então eles tem que....

Olha, isso é uma quantidade de bobagem. Primeiro que juntar CPC e o Grupo Opinião é uma bobagem porque o Grupo Opinião é contrário ao CPC. Quem formulou isso é um idiota, ele é tão sectário quanto nós no CPC. Isto que você me leu aí é de um sectarismo... Estou vendo o nosso teórico Estevão falando. Essa teoria que você desenvolveu aí, essa análise, é o Carlos Estevão Martins falando [na época] do CPC da UNE. O CPC errou, o CPC não tinha essas complicações, ideologias como o nacional popular. O Estevão tinha isso na cabeça; nós não tínhamos. O CPC achava que devia sacrificar o estético em função de fazer do teatro, da poesia instrumento de aliciamento político, de concentração política. Se tivesse conseguido conquistar as massas, teria acertado; como não conseguiu, errou.

E o Opinião...

O Opinião foi uma outra coisa. Compreendemos que no CPC tínhamos adotado uma posição sectária, errada, que não funcionava nem esteticamente, nem politicamente. Dentro de novas circunstâncias, sob a ditadura, nem podia continuar a experiência do CPC em outros termos. Nós criamos o Teatro Opinião para lutar contra a Ditadura; e para realizar o nosso trabalho cultural de teatro, fazer um teatro de boa qualidade. Tanto que ganhamos os prêmios, o show Opinião é exemplar, a peça *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come* ganhou todos os prêmios do teatro brasileiro e é hoje reconhecido como um dos melhores textos do teatro brasileiro. Nosso problema ideológico era lutar contra a Ditadura; nós não tínhamos teoria, essas teorias complicadas do nacional popular, ninguém pensava isso. Agora, nós achávamos que devíamos valorizar a cultura brasileira, que nós devíamos fazer um teatro que tivesse raízes na cultura brasileira, no povo, na criatividade brasileira, nós achávamos que imitar as vanguardas europeias era uma coisa que empobreceria a cultura brasileira.

Agora, vamos à Globo. Achar que a Globo conquistou as massas graças a nós, isso aí realmente é uma piada. É preciso o cara ser débil mental para poder formular uma ideia dessa; no mundo inteiro a televisão conquista as massas.

Sabe com quem que a televisão conquistou as massas? Não foi com Dias Gomes, não. Foi com Janete Clair, que apesar de ser mulher do Dias Gomes, não concordava com a ideologia do Dias Gomes, nem tinha formação ideológica marxista nem de nenhum tipo, ele dizia só o seguinte: “Depois que o cara trabalha o dia inteiro, chega em casa cansado, ele quer sonho”. E ela dava sonho às pessoas. E eu digo mais, não é só porque o cara chega em casa cansado do trabalho, é porque a vida é dura pra caralho e as pessoas querem sonho. O que faz com que milhões de pessoas vejam a novela, é que elas querem sonhar e a novela dá sonho. E nós, esquerdistas, fazíamos uma literatura desagradável, porque a vida do cara já era uma merda, o cara morava na favela, trabalhava na fábrica como um filho-da-puta e quando ia ler um romance ainda acabava mal. Então é claro que com isso você não conquista ninguém. A Globo conquista porque no mundo inteiro a televisão conquista as massas, não é só a TV Globo que conquista; e se a TV Globo conquista mais gente que a TV Manchete, é porque a TV Manchete faz má televisão.

A Globo é mais competente.

É isso, faz mais televisão. Essa tese do Brizola de que a TV Globo manda porque foi a ditadura [que bancou] o Roberto Marinho, isso é tudo bobagem da cabeça do Brizola. Na campanha das Diretas [em 1984], o Roberto Marinho disse para o Boni que não queria cobertura. Sucede que o povo aderiu à campanha das Diretas e o Roberto Marinho teve que mudar de ideia e botar a cobertura na Globo. Uma das coisas que essas pessoas que falam, que não entendem de televisão, que não passaram um minuto para refletir sobre o tema da televisão, o que eles não entendem é o seguinte: o peso da opinião pública na televisão, o peso do telespectador na televisão é decisivo. Todo o problema dos diretores e responsáveis pelo funcionamento das televisões é saber o que dá Ibope, o que é que o povo quer. Quem manda indiretamente é o povo, porque a televisão só ganha dinheiro se ela tiver audiência, o cara só anuncia se tiver audiência. Se ela fizer uma programação que não tem audiência, ninguém anuncia e ela se ferra. A novela está no ar; caiu a audiência, muda o rumo da novela. Quem manda é o espectador. Isso aí, inclusive, é populismo.

Woringer escreveu um ensaio, há quarenta anos atrás, sobre esse problema da cultura de massa, em que o populismo determina a qualidade das coisas, o que é negativo.

O que esses críticos colocam, por exemplo, é que no CPC da UNE havia uma visão um pouco ambígua do povo, por um lado ele é objeto de uma pedagogia, você vai conscientizar o povo para fazer revolução. Mas, por outro lado, existe uma sabedoria popular inata, que se tem de ir ao povo e captar essa sabedoria. A Globo, bem ou mal, ensina o povo a fazer parte da modernidade; mas por outro lado também tem a sabedoria de aceitar as ideias do povo, por meio das pesquisas do Ibope.

Mas o que o CPC tem a ver com isso? E que o Dias Gomes e eu temos a ver com isso?

Seria essa ideia ambígua de povo como ignorante, objeto de uma pedagogia, e ao mesmo tempo portador de uma sabedoria popular.

Mas isso é só a verdade. Quer dizer que se a Globo disser que a tuberculose é provocada pelo Bacilo de Koch, está errado? O que eu coloco é o seguinte: se o Bacilo de Koch provoca a tuberculose, mesmo se o CPC diga isso ou a Globo, a verdade é verdade, independente de quem diz. A verdade é o que é.

A “Globo” não existe. Existe o Dr. Roberto Marinho que não vai lá, mora numa sala lá em cima e não toma conhecimento de nada; existe o Boni que faz a programação geral da emissora, mas não escreve uma linha; existe o jornal que é feito por outra equipe. Eu quero saber quem é que desenvolve essa ideologia que foi descrita, quem é?

Tem um artigo conhecido do Rouanet, que foi Ministro da Cultura, ele escreveu um artigo longo na Folha de São Paulo, comentando um livro do Renato Ortiz. Ele desenvolveu a ideia de que na América Latina, e particularmente no Brasil, há uma reapropriação pela esquerda do romantismo, da ideia de povo do romantismo alemão. Só que no Brasil essa ideia teve o sinal trocado, ao invés de ser conservador, como é o

romantismo alemão, ela ganhou uma conotação à esquerda, a defesa do povo, da nação, da identidade.

Isso é tudo uma complicação. É tudo coisa de intelectual complicado; nós nunca pensamos nessas coisas. Se algum dos caras soubesse como é que funciona a TV Globo, não escrevia essas bobagens. A TV Globo não funciona assim, não. A TV Globo só pensa em ganhar dinheiro, sabe como que é. Por exemplo, todo mundo acha que a minissérie *Decadência*, foi encomendada pela Globo.

Foi o Dias que escreveu, e da cabeça dele...

O Dias ligou para mim, falou: “Gullar, tive uma ideia, venha aqui conversar comigo”. Conversamos, eu dei ideias junto com ele, discutimos e fizemos o projeto da coisa. O nosso problema era o seguinte: “será que a TV Globo vai ter coragem de colocar isso no ar?”. E mandamos. Sabe o que aconteceu? Estava naquele período em que se ia votar a nova legislação a respeito das concessões para rádio televisão. O Roberto Marinho quando soube que o Dias Gomes tinha escrito isso, mandou sustar o negócio, porque os evangélicos, dentro do Congresso, iam fazer carga contra ele e iam votar para prejudicá-lo. E essa coisa ficou dois anos sem se mexer. O Roberto Marinho impediu que fosse ao ar, por causa disso.

[...] A Globo tem sempre que botar as coisas no ar, a televisão tem uma fome que nada satisfaz, e a gente tem que escrever sem parar. Aí falou: “Vamos botar o negócio do Dias [no ar]”. As coisas que o Dias faz são bem feitas. Então foi posto no ar. Depois se inventa que foi o cardeal junto com ... uma porção de loucura. Esse pessoal parece que é tudo do Partido Comunista, sabe? Eu acho que uma das heranças que o Partido Comunista deixou foi essa visão conspirativa de tudo. Tudo é teoria, só a realidade não conta, quer dizer, o concreto da realidade, essa coisa que faz com que as coisas aconteçam como eu estou te contando. Ninguém pediu para a gente fazer essa minissérie, como ninguém pediu para fazer o *Fim do Mundo*, como a gente acabou de escrever aí, como ninguém pediu para se fazer *Araponga*. *Araponga* foi uma ideia do Dias, que nós discutimos e depois inventamos o nome daquele pessoal, inventamos uma porrada de histórias, rimos, brincamos pra caralho.

Aí, de repente, vira tudo ideologia e tudo planejado. Por isso é que eu brinquei, falei: “É, realmente, é a CIA que se reúne com o Roberto Marinho”, porque parece piada, nessa altura do mundo ainda ter quem pense essas coisas assim, não dá.

Mas não é isso que ele está pensando exatamente, quer dizer, não é uma visão conspirativa; ele está fazendo uma interpretação do conjunto da programação.

Mas que ele não sabe como é feita. Ele tinha que primeiro fazer um estágio na Globo, porque dá ideia de uma coisa coordenada que não é coordenada. Nem conhece novela de televisão. [...] O cara ressuscita a noção de Volk, mas só que isso é coisa de intelectual, porra. Se faz teoria sobre tudo, as coisas são mais simples.

O EPISÓDIO DO RÉVEILLON DE 1996

Parece que você detesta o tropicalismo, acha que foi um equívoco.

Eu já estou cansado, para contar a história disso tudo é muito cansativo; deixa a confusão rolar e não estou preocupado em esclarecer muito essas coisas, não. Eu acho que isso tudo é excesso do intelectualismo, muita teoria. O negócio é assim, as pessoas têm que inventar teoria mesmo, quando a situação está difícil.

Porque nessa altura a barra está pesada de fato, os intelectuais estão num beco sem saída, as coisas em que eles acreditavam... foi tudo emparedado aí. A informática está tomando conta de tudo, a poesia se fodeu, o teatro se fodeu, o cinema se fodeu, as artes-plásticas.

Porque o outro grande problema é a chamada cultura de massa, uma coisa avassaladora, onde o valor cultural é inexistente. O que vale é o valor de troca, o dinheiro, como aconteceu aí no Tributo ao Tom Jobim.⁴ Agora estou sabendo

⁴ Gullar refere-se ao rumoroso caso do espetáculo do réveillon de 1995, poucos dias antes da entrevista. A prefeitura do Rio de Janeiro contratara Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Chico Buarque, Milton Nascimento e Paulinho da Viola para fazer um show para uma multidão na praia de Copacabana, em homenagem ao recém falecido Tom Jobim. Houve polêmica envolvendo o cachê dos artistas. Paulinho da Viola teria recebido um montante de menos de um terço daquele pago aos demais músicos. Cada um teria recebido 121 mil reais, exceto Paulinho, que ficou com 35 mil. Ademais, os artistas teriam pedido inúmeras outras regalias.

de uma outra novidade que eu li hoje, e agrava mais: além deles ganharem cem mil reais, ainda não pagam imposto de renda. Ainda um pediu oito passagens de avião; o outro pediu quatro passagens Rio-Paris [...] tudo pago com dinheiro público.

O Chico Buarque diz que imaginou que a Pepsi Cola estivesse pagando tudo isso.

Mas você sabe que, se a Pepsi pagar, quem paga é o Governo?

Isenção fiscal, essas coisas.

Isso entra como despesas operacionais. É abatido do Imposto de Renda.. Publicidade, promoção; quem paga é o Governo. A Pepsi não paga nada.

O Chico Buarque esteve próximo de vocês naquele tempo?

Sou amigo do Chico, não o vejo há tempos, mas trabalhamos juntos, participamos de reuniões, de vários movimentos na época contra a ditadura. Houve um período maior de participação dele, quando eu estava no exílio, mas quando eu voltei ainda tivemos reuniões no Teatro Casa Grande [...] Eu não acho que o Chico, o Caetano, que eles sejam culpados dessa história aí, não, que eles estão roubando dinheiro, eu não acho. Isso é uma coisa do próprio sistema e eles não vão, evidentemente, trabalhar de graça, tanto mais quando eles têm oferta de tudo quanto é canto para trabalhar, pago a peso de ouro, dentro desse populismo da cultura de massa. A cultura de massa consiste em que cada um dê um tostão; então, como são milhões [de pessoas], dá milhões [de reais]. Ganham cachês fantásticos. Agora, eles não têm culpa de nada. Talvez tenham aprendido uma lição nessa história aí. Ficou demonstrado que, na divisão do bolo nacional, eles fazem parte dos que ganham a maior parte. Essa é que é a verdade.

[...] se eu, individualmente, ganho muito dinheiro, eu tenho autonomia para dividir e reduzir a injustiça da divisão de renda. Aí vem a ideologia e diz: “esmola não se dá, caridade não se faz”. Isso foi na época em que a revolução

Era montantes enormes na época, davam para comprar um bom apartamento para cada um na zona sul carioca.

estava aí, mas como não vai haver revolução tão cedo, como é que é? Os garotos vão morrer de fome e eu vou ficar ganhando cem mil de cachê? Comprando um apartamento em cada Réveillon? Não pode.

Eu acho que se coloca para eles uma questão de caráter ético, daqueles que lutam pela igualdade e que aparecem publicamente como pessoas que têm essa visão. Então há que corrigir alguma coisa, porque não pode simplesmente dizer “não, o mundo é injusto mesmo”, porque aí me lembra a célebre fábula, que estavam o gato e o rato, e o rato falou: “Esse mundo é uma merda, injusto, desigual”. E o gato respondeu: “tem toda razão”, e comeu o rato.